



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

JORNALISMO

**JORNALISMO E POLÍTICA NAS *SENTINELAS DA LIBERDADE*
DE CIPRIANO BARATA**

DENISE MORAES GOUVEIA DA SILVA

RIO DE JANEIRO

2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**JORNALISMO E POLÍTICA NAS *SENTINELAS DA LIBERDADE*
DE CIPRIANO BARATA**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

DENISE MORAES GOUVEIA DA SILVA

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Paula Goulart Ribeiro

RIO DE JANEIRO

2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Jornalismo e Política nas *Sentinelas da Liberdade* de Cipriano Barata**, elaborada por Denise Moraes Gouveia da Silva.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Prof^a. Ana Paula Goulart Ribeiro
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação- UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof . Fernando Antonio Mansur Barbosa
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação- UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Micael Maiolino Herschmann
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação- UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2007

FICHA CATALOGRÁFICA

SILVA, Denise Moraes Gouveia da.

Jornalismo e política nas *Sentinelas da Liberdade* de Cipriano Barata. Rio de Janeiro, 2007.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientadora: Ana Paula Goulart Ribeiro

SILVA, Denise Moraes Gouveia da. **Jornalismo e Política nas *Sentinelas da Liberdade* de Cipriano Barata**. Orientadora: Ana Paula Goulart Ribeiro. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

O trabalho pretende estudar a relação entre jornalismo e política no Brasil oitocentista. Para isto, concentra-se na análise do jornal *Sentinela da Liberdade*, redigido entre 1823 e 1835 por Cipriano José Barata de Almeida. Sendo assim, em um primeiro momento, o texto volta-se para as condições do surgimento da imprensa no Brasil; depois passa a detalhes da vida do jornalista panfletário e do discurso de seu jornal e, por fim, explora a relação entre o jornal de Cipriano, representativo da segunda fase da imprensa brasileira, e as forças políticas do período, relação esta ao mesmo tempo influenciada e influenciadora de acontecimentos que caracterizaram a formação do Estado brasileiro e a construção de uma opinião pública.

Palavras-chave: Cipriano Barata – *Sentinela da Liberdade* – jornalismo panfletário – jornalismo de opinião - opinião pública.

DEDICATÓRIA

Ao meu pai,
João Gouveia da Silva.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe e à minha irmã, pequena grande família, que acompanhou de pertinho a produção deste trabalho, e, por todo tempo, foi compreensiva, estando tão disposta a ajudar e esbanjando amor e carinho,

Aos meus avós que, mesmo não tendo estudado, sempre se mostraram sábios e interessados na minha formação, com ouvidos atentos aos meus relatos,

Ao meu amor, João Paulo, que também foi compreensivo, interessado, se preocupou junto comigo, compartilhou teorias e questionamentos e, quando não era mais possível pensar ou escrever, na hora do cansaço, fazia cafuné,

À Crica, amiga de infância e vizinha, que passou algumas horas de seus fins de semana escutando histórias de um jornalismo diferente e de um jornalista irreverente; que correspondia com olhar atento e quando me via apressada, no corredor ou na escada, perguntava: “E a monografia, como é que tá?”,

Aos amigos da Escadinha, pessoas maravilhosas, que fizeram com que estes quatro anos e meio passados na ECO fossem ainda mais risonhos e valessem ainda mais a pena. Em especial, à Bárbara, amiga de papos jornalísticos e historiográficos, aquela que mais ouviu as minhas dúvidas,

Aos amigos da Assessoria, que me mostraram que o certo é trabalhar com respeito e que a prática jornalística pode sim ter um trato com a gentileza,

À Bia e Annie, pela atenção e pelos conselhos,

Aos professores Fernando Mansur e Micael Herschmann, que aceitaram participar da minha banca,

E à professora Ana Paula Goulart, primeiramente, por me apresentar o tema aqui desenvolvido; depois, pela dedicação e a orientação, tão fundamentais a este trabalho.

*“De soberbos rochedos rodeado
Onde bramem mil ondas furiosas
Dos males nunca gemo ssossobrado,
Nem me assustam as Parcas pressurosas
Inda mesmo nos pulsos arrochado
Desprezando desgraças sanguinosas,
Mordo os ferros, e altivo ranjo os dentes,
Desafio os tiranos mais potentes”.*

(Versos escritos por Cipriano Barata,
quando estava preso no Rio, em 1830.
Reproduzidos por Luís da Câmara Cascudo)

SUMÁRIO

1	Introdução	1
2	O jornalismo do século XIX	5
2.1	A instalação da Imprensa Régia	6
2.2	Transformações com a chegada da Corte	8
2.3	A questão da liberdade de imprensa	10
2.4	Imprensa panfletária, palco de disputas	11
2.5	Características do jornal de opinião	14
3	Um pouco da vida de Cipriano Barata	16
3.1	Formação em Coimbra	16
3.2	Cipriano e as revoluções	17
3.3	Participação nas Cortes	20
3.4	O panfletário	22
4	O discurso das <i>Sentinelas da Liberdade</i>	25
4.1	Jornal artesanal	25
4.2	Ensaaios sobre liberdade	27
4.2.1	Ataques pessoais	30
4.2.2	Os principais temas	31
4.2.3	A guarita gradeada	33
4.2.4	Cartas ao Sentinela	34
4.2.5	Outras Sentinelas em outras Guaritas	36
5	<i>Sentinelas da Liberdade</i> : formando opinião para promover seu projeto de Brasil	38
5.1	O jornalista político enquanto construtor da opinião pública	39
5.2	A criação de uma esfera pública brasileira	42
5.3	Uma proposta de Estado	45
6	Considerações Finais	47
7	Bibliografia	
8	Anexos	

1. INTRODUÇÃO

Em 2008, a imprensa brasileira completa 200 anos. A efeméride certamente impulsionará reuniões, simpósios e palestras; surgirão artigos, ensaios e talvez edições especiais de jornais e revistas com um breve histórico dos dois séculos da atividade jornalística. Entretanto, no geral, quando longe de comemorações, a preocupação constante com o imediatismo no jornalismo atual, não permite que os profissionais voltem-se para uma reflexão sobre a formação desta imprensa brasileira e seu funcionamento, que é todo próprio, na medida em que acompanha o desenvolvimento da sociedade neste país.

Da grande massa dos profissionais de comunicação brasileiros, poucos sabem sobre o processo que antecedeu e resultou na grande imprensa, que se define isenta, é empresarial e ganhou braços com o rádio, a televisão e a internet, chegando ao apogeu da conquista de público.

Este trabalho parte do pressuposto de que é necessário ao jornalista mesmo - e principalmente - nesse novo patamar de superação tecnológica e explosão de público, pensar sobre sua produção no tempo, sobre sua função dentro da sociedade. Este pensamento requer, ainda que de forma sucinta, um resgate das condições de surgimento e prosseguimento da imprensa no Brasil, o questionamento das motivações da instalação desta imprensa e, conseqüentemente, de suas funções.

A apresentação ao tema e a posterior certeza de sua relevância na formação do profissional do jornalismo aconteceram durante o período em que cursei a disciplina *História do Jornalismo*. Na ocasião foi possível estudar diferentes períodos da história do jornalismo brasileiro e analisar mais detalhadamente as transformações. Ficou perceptível que as mudanças que marcaram a imprensa brasileira estavam inteiramente ligadas a outras, de cunho social, político e econômico; em alguns períodos, era como se a imprensa compusesse o quadro ideológico da sociedade, que modificava-se conforme acima citado. Esta relação entre a imprensa e o processo de construção de uma sociedade, a brasileira, com todos os seus nuances, mostra como o jornalismo faz parte realmente da História, como ele está próximo aos homens, às suas atitudes e pensamentos, munido do poder de mobilizá-los.

O interesse pela disciplina provocou a leitura do livro *História da Imprensa no Brasil*, de Nelson Werneck Sodré. A pesquisa, que durou cerca de 30 anos de acordo com o autor, rendeu uma detalhada síntese do jornalismo brasileiro, com reflexões sobre as diferentes técnicas e tendências. De todas as fases analisadas por Sodré, uma chamou mais atenção: talvez por divergir tanto da produção atual, a imprensa de pasquim incitou comparações. Para uma estudante imersa no modo atualmente dominante de escrita jornalística, periódicos que se

definem enquanto defensores de determinadas opiniões trazem inquietações. Mas como era possível um jornalismo tão parcial? Quem era o público destes pasquins? Como a sociedade recebia tais textos? Aliás, como eram produzidos estes jornais em uma época em que as técnicas eram tão primárias? Quem eram esses jornalistas que admitiam a defesa de um ponto de vista?

Todas estas questões fizeram com que o tempo gasto com a leitura dos capítulos sobre a imprensa no século XIX se estendesse. Da obra de Sodré, diante do relato de tantos jornais e tantos jornalistas, ficou a curiosidade sobre Cipriano Barata, uma figura, citada rapidamente e de forma superficial, como lamenta o próprio autor:

Figura extraordinária de agitador, que encheu uma época inteira, a do processo de Independência justamente, Cipriano Barata aguarda ainda a justiça da História (...)pioneiro da imprensa libertária no Brasil, tem sido omitido, diminuído e no mínimo ridicularizado pela historiografia oficial brasileira: é uma de suas maiores vítimas.¹

Tal curiosidade desdobrou-se na busca de outras leituras. Algo que cobrisse essa falta de informação, que falasse mais sobre este importante jornalista apontado por Sodré. As perguntas agora se referiam a esta nova figura encontrada no caminho: Quem foi Cipriano Barata? Não era aquele que na escola ensinavam que esteve metido em várias revoltas? Mas o que ele tinha com o jornalismo? E mais ainda: que ele tinha com a Independência do Brasil, projeto oficial, norte da construção do país?

A leitura de uma pequena biografia de Cipriano Barata elaborada por Marco Morel, começou a apontar quem era este personagem da História brasileira, falava um pouco de sua vida e dizia de sua participação em alguns movimentos de contestação do governo. Mas pouco se revelara sobre a atividade jornalística de Cipriano e ainda não era possível compreender sua ligação com um movimento que perpetuou-se como marco, a Independência.

Neste ponto do que já tinha virado uma pesquisa, o tema ganhou o vulto de objeto de um trabalho de conclusão de curso. Para mim, a esta altura já estava justificada a necessidade de tal estudo: o jornalismo de Cipriano ecoou no processo de Independência do Brasil, assim sendo, esteve muito próximo da sociedade e do Estado, e, por ser de opinião declarada, apresentava nitidamente sua função, seu papel. O envolvimento do jornalismo na política e vice-versa e o início de uma idéia de opinião pública no Brasil surgiram ali, na época de Cipriano Barata. Era um exemplo, um caso interessante para o estudo daquela questão aqui já apontada, fruto das

¹ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 69.

aulas de *História do Jornalismo*: as mudanças da imprensa acompanham as mudanças da sociedade. Jornalismo e sociedade estão profundamente ligados.

Partiu-se, então, para a realização deste trabalho. Primeiramente foram coletados dados sobre o surgimento da imprensa brasileira, sobre os fatores que propiciaram este aparecimento. Para análise dos jornais de um homem que vivera a maior parte da sua vida enquanto o Brasil era colônia de Portugal, se fazia necessária o estudo da imprensa durante o período do governo português. A construção deste panorama apoiou-se principalmente na leitura de textos que tratavam do assunto, na reunião das informações mais relevantes para o tema e na organização de tais informações, que estão reunidas no capítulo dois deste trabalho.

Aceitando a ligação estreita entre o jornal e o jornalista, o capítulo posterior apresenta um pouco sobre a vida de Cipriano Barata. A documentação sobre o jornalista baiano é escassa, como já foi mencionado, muito pouco se escreveu até hoje sobre ele. Esta apresentação foi erguida com base na leitura dos diferentes biógrafos encontrados, além do que foi encontrado nos escritos do próprio Cipriano, na análise de seus jornais.

A leitura de seus jornais foi também ponto de partida para a produção do quarto capítulo, que se refere a sua obra jornalística propriamente dita. É necessário ressaltar que existiram limitações na reprodução dos jornais (de início pretendia-se a anexação destas reproduções ao final do trabalho): uma greve na Biblioteca Nacional impediu a reprodução de periódicos na Seção de Obras Raras; somente foi possível a leitura, feita antes do período de paralisação.

Nesta parte do trabalho, os discursos de Cipriano são alvo de uma análise, que se propõe a observar as características físicas dos periódicos, bem como o conjunto de textos, como eram construídos, como eles eram divididos, quais temas eram debatidos, como eram interpretados, enfim, como eles apresentavam-se em relação ao contexto (do jornalismo panfletário e outro mais amplo, o contexto social e ideológico) e como os elementos constituintes do discurso panfletário relacionavam-se entre si.

Por fim, o último capítulo foca a relação entre o jornalismo político das *Sentinelas da Liberdade* e a sociedade. Aqui, é abordado o projeto de Brasil defendido por Cipriano, projeto que ganhava adeptos com seus jornais, que conquistava opinião. Tecendo relações entre o contexto apresentado inicialmente, a vida de Cipriano, que era mesmo a vida de um político, e seus discursos, é possível desvendar nos jornais que aqui são objeto de estudo uma tentativa de construção de um Estado brasileiro, que se fazia no bojo de um jornalismo de opinião, que tinha jornalistas como ícones do pensamento social e, seus jornais, como principal meio de divulgação das novas idéias surgidas no Brasil após a Independência.

Começar a desvendar esta complicada ligação entre jornalista, jornal, Estado e sociedade no Brasil oitocentista é o objetivo deste trabalho. Não se pretende esgotar o assunto: este trabalho se resume ao estudo do caso Cipriano Barata e de suas *Sentinelas da Liberdade*. Muitos outros foram os jornais que refletiam esta mesma complicada relação, na mesma época que Cipriano, ou depois, em outros momentos da História brasileira.

2. O JORNALISMO DO SÉCULO XIX

A vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, marca neste país o início da imprensa. A Europa, que sentia os reflexos da política mercantilista e da ascensão burguesa, estava então em processo de industrialização e a Inglaterra aparecia como líder neste processo. Na França, Napoleão seguia seu plano de transformar sua nação em uma grande potência, decretando o Bloqueio Continental², a fim de desorganizar a política econômica inglesa e impedir as relações comerciais deste país com o restante do continente. Com dificuldades para manter relações com sua primeira aliada, Portugal se encontrava isolado. A chegada de tropas francesas no país ibérico é um ultimato: D. João resolve então mudar-se para a colônia americana.

Durante o período anterior à fuga da Corte, as tentativas de estabelecimento de oficinas de impressão na colônia foram frustradas, pois esbarravam em medidas e regras de controle da metrópole, as quais impediam o desenvolvimento de qualquer atividade tipográfica.

Outros fatores também explicam a ausência de imprensa durante cerca de trezentos anos de dominação portuguesa: se na Europa o surgimento da imprensa teve uma motivação política e econômica, inserindo-se no contexto da expansão mercantilista e atendendo às necessidades de comunicação que tal prática apresentava, principalmente necessidades da burguesia, na colônia, de sociedade agrária, escravista, latifundiária e economicamente voltada para a metrópole (relação estipulada pelo Pacto Colonial, regime integrante da própria política mercantilista que norteou a colonização), não havia tal necessidade. Na Europa, a imprensa surge no século XV como expressão de uma sociedade complexa, em transformação, muito diferente da sociedade colonial brasileira, que inclusive tinha como uma de suas características o alto índice de analfabetismo.

Se ler era privilégio de poucos, escrever e divulgar era uma afronta ao poder real. Inibir a produção impressa constituía uma restrição de ordem política: estando o centro de poder afastado, era necessária uma forma de controlar possíveis manifestações na colônia, pois a circulação de impressos e a conseqüente disseminação de idéias poderiam gerar agitações.

Nelson Werneck Sodré salienta o caráter “herético” dos livros, que atraíam “maldições e condenações”.³ Na metrópole, as publicações estavam sujeitas a dois tipos de censura: a Régia e

² Napoleão chegou ao poder com o Golpe 18 Brumário, em 1799, pondo fim à Revolução Francesa. Contra ele se voltaram alguns países absolutistas, com apoio da Inglaterra. Depois de derrotar vários inimigos no continente, Napoleão voltou-se para um ataque militar a Inglaterra, mas não obteve sucesso. Partiu então para uma ofensiva econômica, decretando o Bloqueio Continental em 1806.

³ SODRÉ, *op. cit.*, p. 9.

a da Inquisição. No Brasil, elas eram proibidas e deveriam ser confiscadas, como mostra a Carta Régia de 8 de junho de 1706, que determinava que se devia “Seqüestrar as letras impressas e notificar os donos delas e os oficiais de tipografia que não imprimissem nem consentissem que se imprimissem livros ou papéis avulsos”.⁴

Mesmo com todas as determinações da Coroa, os livros chegavam ao Brasil, por meio do contrabando. Letrados e intelectuais da época constituíam ilegalmente suas bibliotecas, principalmente os participantes de sociedades secretas que começavam a aparecer na colônia no fim do século XIX, inspiradas em idéias liberais importadas da Europa.

2.1 A instalação da Imprensa Régia

A primeira tipografia aqui instalada veio a bordo do navio Medusa: dentro do porão desta embarcação da frota que trouxe a Corte para o Brasil, o ministro dos Negócios Estrangeiros e da Guerra de D. João, Antônio de Araújo, trouxe todo o maquinário de uma tipografia, uma gráfica que servia ao seu ministério em Lisboa e, no Brasil, constituiria a Imprensa Régia.

Desde maio de 1808, esta gráfica já imprimia folhetos e despachos oficiais. Data do décimo terceiro dia deste mês o decreto do rei que implantava a Imprensa Régia:

Tendo-me constado que os prelos que se acham nesta capital eram os destinados para a Secretaria de Estados dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, e atendendo à necessidade que há de oficina de impressão nestes meus Estados, sou servido que a casa onde eles se estabeleceram sirva interinamente de Imprensa Régia (...) ficando inteiramente pertencente ao governo e administração à mesma Secretaria.⁵

Um mês depois da portaria assinada pelo rei e três meses antes da impressão do primeiro jornal da Imprensa Régia, começou a circular clandestinamente no Brasil um jornal impresso em Londres, fundado e redigido pelo brasileiro Hipólito Costa Pereira de Mendonça: o *Correio Braziliense*.

Também chamado de *Armazém Literário*, o jornal tinha o formato de um livro, possuía cerca de 100 páginas e era dividido em seções. Tinha um preço alto; a classe de grandes proprietários constituía seu principal público. Em um contexto em que a imprensa era fortemente controlada, o *Correio* destaca-se pela presença da opinião de Hipólito em relação à política, à liberdade e à emancipação brasileira.

⁴ *Idem*, p. 17.

⁵ LUSTOSA, Isabel. *Insultos Impressos: A guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000, p. 67.

O *Correio Braziliense* estava em seu terceiro número quando no Brasil foi impresso o primeiro jornal: a *Gazeta do Rio de Janeiro*, lançado em 10 de setembro de 1808. Eram responsáveis pela redação e impressão da *Gazeta do Rio de Janeiro* José da Silva Lisboa e Pereira da Fonseca, funcionários reais. Inspirado na *Gazeta de Lisboa*, o periódico trazia muitos artigos traduzidos da imprensa conservadora européia, além de noticiar acontecimentos do Paço e da Corte. Passava por uma leitura pessoal do rei antes de ser impresso. Normalmente era constituído de quatro páginas, no formato in-quarto. Saía aos sábados e às quartas-feiras. Sua redação era semelhante a uma repartição pública, visto que o jornal era um órgão régio.

Sobre a instalação da imprensa no Brasil se manifestou Hipólito da Costa no *Correio Braziliense*: “Tarde, desgrazadamente tarde, mas, enfim, aparecem tipos no Brasil; e eu de todo meu coração dou os meus parabéns aos meus compatriotas brasilienses”.⁶

Surgia a imprensa nacional, inteiramente sob o jugo do governo. Nascia para divulgar o que era de interesse da Coroa, para informar sobre os fatos oficiais. Inaugurou-se o que Nelson Werneck Sodré denomina “imprensa áulica”,⁷ ou seja, a imprensa como iniciativa da monarquia para divulgar as informações que lhe eram necessárias em um período em que o absolutismo estava em crise. Esta imprensa se contrapunha ao jornal de Hipólito da Costa, ilegal, cassado, que pretendia cativar a opinião pública. Nas palavras de Sodré

A *Gazeta* (...) como todos os órgãos de governo do tipo do joanino, na época do absolutismo, (...) não tinha que disputar com outros órgãos, de orientação antagônica, que não existiam(...). O jornal de Hipólito, ao contrário, destinava-se a conquistar opiniões; esta era a sua finalidade específica. (...) Em tudo o *Correio Braziliense* se aproxima do tipo de periodismo que hoje conhecemos como revista doutrinária, e não jornal; em tudo a *Gazeta* se aproximava do tipo de periodismo que hoje conhecemos como jornal – embora fosse exemplo rudimentar deste tipo.⁸

Este aspecto oficial caracterizou todos os outros jornais que surgiram neste período na colônia. Em 1811 chegou às ruas o primeiro número da *Idade de Ouro do Brasil*, em Salvador. Escrito por portugueses, o periódico seguia ordens do Conde dos Arcos, que impunha ao jornal a função de “anunciar simplesmente os fatos”, e, ao mesmo tempo, “mostrar como o caráter nacional ganha em consideração no mundo pela adesão ao seu governo e à religião”.⁹ Alguns anos depois seria publicado o *Amigo do Rei e da Nação*, que exaltava as ações heróicas do

⁶ BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Serviço de Documentação, 1964, p. 13.

⁷ SODRÉ, *op. cit.*, p. 29.

⁸ *Idem*, p. 22.

⁹ *Idem*, p. 29.

príncipe. O primeiro periódico de autoria de José da Silva Lisboa, o Cairu, seria o *Conciliador do Reino Unido*, jornal de sua propriedade. Assim como o *Conciliador*, *O Bem da Ordem*, do cônego Francisco Vieira Goulart, defenderia a união entre Portugal e Brasil e a permanência de D. João na colônia.

Seguiram esta fórmula de louvação ao absolutismo *O investigador português* e o *Patriota*. O primeiro era escrito por dois médicos portugueses em Londres e começou a circular no Brasil em 1811, sob a proteção e o financiamento da monarquia. Governadores de diferentes regiões da colônia receberam orientação para divulgar o periódico, “a fim de confirmar nos ânimos portugueses os sentimentos de lealdade e patriotismo (...) e preveni-los contra sinistras insinuações que se possam tentar fazer acreditar”.¹⁰ O segundo, lançado em 1813, foi fundado por Manuel Ferreira de Araújo, integrante da redação da *Gazeta*.

Para barrar as idéias defendidas pelo *Correio Braziliense*, único jornal que fazia críticas ao governo, surgiu em Lisboa o *Reflexões sobre o Correio Braziliense*, também financiado pela Coroa e redigido por um religioso, frei Joaquim de Santo Agostinho. Entretanto, os ataques deste jornal lançado em 1809 e de outros panfletos que depois surgiram de nada adiantaram, visto que o *Correio Braziliense* continuou a circular, inclusive aumentando seu prestígio.

Nesta fase inicial da imprensa no Brasil jornais surgiam rapidamente e desapareciam com a mesma rapidez. As condições políticas e materiais eram insuficientes para a promoção da estabilidade das publicações. A imprensa artesanal era limitada pelo pequeno número de tipografias na colônia e pelo fato de grande parte destas máquinas pertencerem ou serem comandadas pela Imprensa Régia. A censura constituía outro entrave à produção de periódicos. Somente a partir de 1820 este quadro começa a mudar significativamente, com a mobilização pela liberdade de imprensa e a conscientização da necessidade de uma outra conquista: a independência da colônia.

2.2 Transformações com a chegada da Corte

Muitos estudiosos afirmam que as raízes do processo de independência brasileira estão na chegada da família real ao Brasil e o estabelecimento da Corte no Rio de Janeiro. A segunda fase da imprensa brasileira, que se inicia em 1820 profundamente ligada ao processo de emancipação, desenvolve-se junto às discussões políticas: proliferam jornais para discussão do processo de

¹⁰ *Idem*, p. 31.

independência. Para entender melhor como surgem estes jornais de opinião faz-se necessária a percepção de influências ideológicas e políticas encontradas na sociedade à época.

Com a instalação da Coroa e posteriormente a elevação do Brasil à categoria de Reino Unido a Portugal e Algarves, em 1815, a colônia passou a sentir um peso maior do controle da Corte, o que ocasionava agitações sociais. Antes mesmo da chegada de D. João, já repercutiam no Brasil os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade da Revolução Francesa, assim como a notícia da independência das colônias inglesas.¹¹ Em 1789, Minas Gerais foi palco de uma Inconfidência, uma revolta que tinha como um de seus objetivos a separação de Portugal. Nove anos depois, a Bahia era palco de um outro movimento, a Revolta dos Alfaiates, que teve início com a publicação de um panfleto, carregando a mensagem

Animai-vos povo bairense que está por chegar o tempo feliz da nossa liberdade: o tempo em que seremos todos irmãos, tempo em que seremos todos iguais (...) com respeito à liberdade e qualidade ordena, manda e quer que para o futuro seja feita nesta cidade e seu termo a sua revolução para que seja exterminado para sempre o péssimo jugo reinável na Europa...¹²

Ambos os movimentos inspiravam-se nos ideais iluministas, que impulsionavam a luta para derrubada das monarquias. Na Revolta dos Alfaiates, também denominada Conjuração Baiana, teve importante papel enquanto organizadora a Sociedade Cavaleiros da Luz, da qual fazia parte o futuro jornalista, objeto deste trabalho, Cipriano Barata.

As duas revoltas foram abafadas pelo governo. No entanto, elas marcaram o início de uma época de “tensões provinciais e sociais”, como afirma Marco Morel.¹³ A tentativa de organização nacional que começa a se estabelecer a partir de 1808, na verdade desmascara interesses isolados de cada região, deixando descontentes diferentes setores sociais.

Com a Abertura dos Portos às Nações Amigas, em 1808, o comércio entre Brasil e Inglaterra se intensifica e a colônia começa a sair da órbita do colonialismo mercantilista português, passando a buscar seu espaço no capitalismo industrial inglês. Todas as medidas favoráveis à Inglaterra fizeram as importações brasileiras aumentarem enquanto as exportações caíram, pois os ingleses adquiriam produtos agrícolas semelhantes aos que o Brasil produzia em suas colônias. A balança comercial tornou-se deficitária. Ao mesmo tempo, o fortalecimento da

¹¹ A Revolução Francesa (1789) e a Independência dos Estados Unidos (1776) são projetos que marcam a crise do Regime Absolutista. Ambos os acontecimentos contestavam os privilégios da nobreza e do clero, defendiam a liberdade econômica, política e de pensamento.

¹² KOSHIBA, Luiz; PEREIRA, Denise Manzi Frayze. *História do Brasil*. São Paulo: Atual, 1996, p. 81.

¹³ MOREL, Marco. *Sentinela da Liberdade: Presença de Cipriano Barata no Processo de Independência do Brasil*. Tese de Mestrado em História do Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990, p. 59.

burguesia portuguesa deixou à margem os senhores rurais, visto que o centro de poder estava agora no Sul, no Rio de Janeiro.

Como resultado da proximidade da Corte surgia o descontentamento dos senhores rurais, das autoridades de diferentes províncias e dos liberais, por definição contrários ao autoritarismo monárquico. Diante da insatisfação, tornava-se necessário a estes grupos ampliarem suas vozes, rebaterem forças antagônicas e conquistar o público para suas causas. Neste contexto, surge a imprensa com uma nova e bem definida função: a de transmitir opinião, combater e representar lutas sociais.

2.3 A questão da liberdade de imprensa

Em 1817, participantes da chamada Revolução Pernambucana¹⁴ elaboraram uma constituição para o governo republicano que pretendiam implantar. O documento apresentava, em um de seus artigos, a questão da liberdade de imprensa:

A liberdade de imprensa é proclamada, ficando porém o autor de qualquer obra e seus impressos sujeitos a responder pelos ataques à religião, à Constituição, aos bons costumes e caráter dos indivíduos, na maneira determinada pelas leis em vigor.¹⁵

Três anos depois, pressões conseqüentes da Revolução Liberal do Porto¹⁶ voltam a chamar a atenção das autoridades para a urgência da questão da imprensa. A esta altura, rei e seus ministros já assumiam o caráter doutrinário das publicações: uma ordem régia recomendava a urgência nos despachos de censura porque “era indispensável nas atuais circunstâncias franquear-se a imprensa, para que se facilite a leitura de papéis que possam dirigir a opinião pública”.¹⁷

A partir de 1821, a censura se daria apenas sobre o material tipográfico e não mais sobre manuscritos. Acabava a censura prévia, mas permaneciam proibidos “os escritos contra religião, a moral, os bons costumes, a Constituição, a pessoa do rei e a tranqüilidade pública”.¹⁸ A

¹⁴ Primeira oposição armada a D. João, este movimento, baseado em idéias revolucionárias propagadas por sociedades secretas, é liderado por uma elite política local, insatisfeita entre outros, com a exploração de comerciantes portugueses. A revolta, que eclodiu em 6 de março de 1817, propagou-se para outros estados do Nordeste, mas foi reprimida cerca de dois meses depois.

¹⁵ SODRÉ, *op. cit.*, p. 40.

¹⁶ Inconformados com o governo inglês que se instalara desde a queda de Napoleão, os portugueses, baseados em princípios liberais, promoveram uma rebelião defendendo a elaboração de uma Constituição e a volta do rei a Portugal.

¹⁷ SODRÉ, *op. cit.*, p. 40.

¹⁸ LUSTOSA, *op. cit.*, p. 106.

liberdade de imprensa continuaria gerando discussões, dividindo a opinião de ministros e letrados. Em sua participação nas Cortes Gerais extraordinárias e Constituintes da Nação portuguesa, convocadas por exigência dos revoltosos do Porto, Cipriano Barata discursou sobre o assunto, em 7 de fevereiro de 1822:

Tendo observado com grande mágoa, que a lei da liberdade de imprensa tem sido desprezada no Reino Unido do Brasil, como provam os papéis públicos que chegam às nossas mãos, e que tem havido descuido no poder executivo de remeter para ali a dita lei com a criação dos jurados, requeiro que se faça avis ao dito poder executivo para que se envie no primeiro navio ordem para ali se observar a dita lei, estabelecendo-se os competentes jurados, a fim de que o Governo e a Constituição sejam garantidos pela opinião pública.¹⁹

Pela própria estrutura colonial era impossível a existência plena da liberdade de expressão. No entanto, o ambiente de agitação política e social que começava a se desenhar tendo como retaguarda o longo processo que caracterizou a Independência brasileira, com suas diferentes forças e interesses, contribuiu para o surgimento de jornais de oposição, que por sua vez estimulavam o debate, fazendo proliferar também os jornais de situação. A imprensa passa a refletir as lutas entre diferentes setores sociais, entre conservadores e liberais, forças que seguiam em paralelo a caminho da Independência.

2.4 Imprensa panfletária, palco de disputas

Após a chegada das notícias a respeito da insurreição no Porto, D. João VI, seus ministros e conselheiros reuniram-se a fim de traçar planos para contorno da situação, discutir a possibilidade de elaboração de uma Constituição e o retorno do monarca à metrópole. Esta discussão causou grande mobilização, já não se resumia ao destino de Portugal, mas sim ao destino da própria colônia, há cinco anos promovida a Reino. As agitações aumentaram com a expectativa da elaboração de uma nova Constituição: as Cortes, que contavam com a participação de deputados brasileiros, previam medidas de recolonização para o Brasil.

Os debates multiplicavam-se: pronunciavam-se os colonialistas, os anticolonialistas; os que eram pela monarquia e os que eram pela emancipação; os que defendiam a permanência de D. João e aqueles que apresentavam justificativas para seu retorno. Para ilustrar esta última polêmica, Isabel Lustosa²⁰ traz o exemplo de dois funcionários reais que divergiam sobre a

¹⁹ GARCIA, Paulo. *Cipriano Barata ou a liberdade acima de tudo*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997, p. 61.

²⁰ LUSTOSA, *op. cit.*, p. 106.

questão: Tomás Antônio de Vila Nova, ministro, que defendia a permanência de D. João VI na colônia e Pedro Holstein, o conde de Palmela, que reunia esforços para levar o rei de volta a Portugal.

Em meio a este debate começou a circular na Corte um panfleto em francês produzido pela Imprensa Régia que listava razões para a permanência do rei no Brasil. Isabel Lustosa atribui a autoria do panfleto a F. Caille de Geine, antigo soldado da revolução Francesa que era oficial de Portugal. Impresso a mando de Tomás Antônio, o panfleto inaugurou um outro tipo de jornalismo, feito com o objetivo explícito de defender idéias; o jornalismo opinativo, que começa a se fortalecer com o fim da censura prévia e caracteriza boa parte da produção impressa do século XIX, estendendo-se até a década de 1880.

Em algumas de suas edições, o *Correio Braziliense* também se pronunciou a respeito do retorno de D. João e da redação de leis. A corte acabava de entrar na dinâmica desde cedo utilizada pelo jornal de Hipólito da Costa; com “uma publicação impressa com o jamegão o rei iniciava a prática da imprensa de participação”.²¹

Aceito o papel da imprensa enquanto divulgadora e conquistadora de opinião e seguindo-se as agitações que mobilizavam a colônia enquanto o rei não se decidia, proliferaram os jornais lançados a fim de discutir política e polemizar questões cruciais à época.

Nelson Werneck Sodré identifica o jornal *Aurora Pernambucana* como o primeiro desta fase panfletária. A primeira edição do jornal do Recife, impressa em março de 1821, foi redigida por Rodrigo da Fonseca Magalhães e coordenada por seu sogro, o governador. O panfleto de quatro páginas pretendia defender o rei e a nação e durou apenas seis meses.²²

Em agosto de 1821 começou a circular na Bahia o *Diário Constitucional*, produto de uma disputa eleitoral local, incitada pela convocação das Cortes em Lisboa. Foi um dos primeiros jornais a defender interesses brasileiros, iniciando a modificação na forma cortesã de fazer imprensa; cedendo espaço para a opinião. Como já era comum, o aparecimento deste jornal e a adesão às idéias que ele propagava fizeram surgir outros panfletos, a ele alinhados: a *Sentinela Baiense*, *O Analisador Constitucional*, *O Baluarte Constitucional*, *O Espreitor Constitucional*, *O Despertador dos Verdadeiros Constitucionais* e *A Abelha*. O tempo de circulação destes jornais era em média de cinco meses.²³

²¹ *Idem*, p. 92.

²² SODRÉ, *op. cit.*, p. 50.

²³ *Idem*, p. 52.

No mês seguinte ao lançamento do *Diário Constitucional*, começava a circular no Rio de Janeiro o *Revérbero Constitucional Fluminense*, obra dos maçons Joaquim Gonçalves Ledo e Januário da Cunha Barbosa. Segundo Isabel Lustosa,

A retórica exagerada de que se valeriam os dois novos jornalistas também fazia lembrar os folhetins revolucionários franceses. O *Revérbero* defendia abertamente a liberdade de imprensa e, mesmo tendo surgido já no contexto das manifestações contra as medidas das Cortes prejudiciais ao Brasil, deixava claro que consideraria loucura e precipitação falar em independência naquele momento (...) o surgimento do jornal já assinalava a tensão que caracterizaria daí por diante as relações entre brasileiros e portugueses até a Regência. Ele surgira baseado na certeza de que era preciso tomar posição e assumir imediatamente a defesa dos interesses do Brasil.²⁴

A estas idéias oposicionistas mais uma vez reagiram os conservadores. Para divulgar sua opinião, José da Silva Lisboa lançou mão da *Reclamação do Brasil*. Ele também iria redigir o *Sabatina Familiar dos Amigos do Bem Comum*, que circulou no primeiro mês de 1822, com a pretensão de “formar cidadãos úteis à Igreja, à pátria e à humanidade”.²⁵

O *Espelho*, que circulou entre outubro de 1821 e junho de 1823, surgira como mais um órgão áulico. Juntaram-se ao coro do *Espelho*, o *Alfaiate Constitucional* e o *Conciliador do Maranhão*. Com postura ideológica oposta nasceu a *Segarrega*, em Pernambuco, a 8 de dezembro de 1821.

As discussões impressas precederam o ato oficial de Proclamação da Independência, em 1822, e continuaram refletindo as conseqüências do movimento, as contradições do Império de D. Pedro I e depois da Regência. Em 1823, após voltar das cortes em Lisboa, Cipriano Barata lançou um manifesto, falando sobre a relação entre a “velha monarquia” e o “novo império”.²⁶ Ainda no mesmo ano, o baiano publicaria a primeira de suas Sentinelas, a *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco. Alerta!*. Estava em Pernambuco, fugindo das prisões que as tropas coloniais efetuavam na Bahia, tomada por movimentos constitucionais.

Quando D. Pedro I foi proclamado imperador do Brasil, as forças antagônicas, que no fim do processo de Independência tinham um objetivo comum, voltam a lutar entre si em torno das mudanças possíveis diante da nova ordem. A imprensa panfletária ganhou então mais força enquanto palco de disputas e, ao mesmo tempo, cresceram as perseguições à esta imprensa. A coroação de D. Pedro significou uma derrota do liberalismo e, por conseqüência, uma derrota para a liberdade de imprensa.

²⁴ LUSTOSA, Isabel, *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 23.

²⁵ SODRÉ, *op. cit.*, p. 55.

²⁶ MOREL, Marco. *Cipriano Barata: o panfletário da Independência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986, p. 41.

Em 1823, o jornalista Luís Augusto May, redator e diretor do periódico *A Malagueta* sofreu um atentado dentro de sua própria casa. Cipriano Barata fora perseguido e preso no mesmo ano; Frei Caneca, responsável pela redação do jornal *Typhis Pernambucano*, foi fuzilado ao fim da Confederação do Equador²⁷, em 1824. Os liberais da Independência agora tentavam calar jornalistas. No entanto, a esta altura, a idéia de uma imprensa incendiária já estava consolidada e a repressão serviria como mais um tema para debate desses jornalistas panfletários.

2.5 Características do jornal de opinião

A imprensa de opinião travou lutas ainda mais significativas com o Império e as cisões políticas conseqüentes dessa nova forma de governo. Diversificaram-se os debates, mas os diversos periódicos preservavam algumas características em comum, características que delimitam esta pequena imprensa do século XIX.

Por definição, este jornalismo panfletário é derivado das condições do meio; reflexo imediato do contexto em que está inserido. Assim sendo, o caráter radical dos confrontos políticos e sociais pode ser percebido, por exemplo, na linguagem destes periódicos; uma linguagem virulenta, grosseira e com uso freqüente de insultos. Este uso de insultos como ferramenta de ação foi, de acordo com Nelson Werneck Sodré, um “traço geral”, que “igualou os que defendiam o governo e os que faziam oposição”.²⁸ A linguagem de ataque seria uma forma de se fazer entender a um grande número de iletrados, público a ser conquistado a favor das causas defendidas.

Em geral estes jornais, denominados pasquins por Sodré²⁹, eram efêmeros: duravam enquanto resistiam as forças políticas de apoio, as polêmicas em questão, o financiamento; enquanto não eram fechados pela violência da censura ou mesmo enquanto os jornalistas responsáveis não mudavam suas opiniões.

Em relação à forma, a imprensa artesanal caracterizava-se normalmente pelo formato in-quarto, a impressão em quatro páginas, o preço variando entre quarenta e oitenta réis e a apresentação de uma epígrafe. Não tinham uma periodicidade certa, visto que, em meio a todas as divergências políticas e perseguições e ainda por não terem o lucro como objetivo final da venda, muitas vezes os jornalistas abandonavam a pena por um tempo. Quanto à tiragem, Isabel

²⁷ Movimento emancipacionista e republicano ocorrido no Nordeste do Brasil. O jornal de Frei Caneca era porta voz deste movimento, fazia críticas ao absolutismo e à Constituição adotada em 1824.

²⁸ SODRÉ, *op. cit.*, p. 156.

²⁹ *Idem*, p. 155.

Lustosa apresenta uma estimativa: entre 1820 e 1822, os jornais na Corte tinham tiragens que giravam em torno de 200 a 500 exemplares.³⁰

A relação entre a publicação e o jornalista responsável era estreita: os periódicos geralmente eram fruto de uma iniciativa particular. Eram uma espécie de tribuna para ampliar as vozes dos jornalistas, expor suas considerações, seus desafetos e desaforos. Se algumas vezes o panfleto servia a uma causa social, da coletividade, por outras vezes ele servia a brigas particulares, desentendimentos pessoais.

³⁰ LUSTOSA, *op. cit.*, 2003, p. 64.

3. UM POUCO DA VIDA DE CIPRIANO BARATA

Era pequenino e irritável como todo homem pequenino (...) Não sabia se conter nem calar. Era arbitrário, colérico, arrebatado, corajoso. Juntem suas virtudes de piedade, grandeza moral, honestidade absoluta, profunda convicção de que era um dos raros a entender verdadeiramente sua época, e teremos quase terminado a foto.³¹

As idéias particulares do jornalista são características significativas dos jornais de opinião. O jornalista panfletário, à época chamado “redator ou gazeteiro”³² falava abertamente de suas idéias em seus periódicos. Tomava partido em uma discussão maior, que envolvia o público e outros órgãos de imprensa e versava sobre acontecimentos desse Brasil que começava a se configurar como nação. Como destaca Marco Morel, “Produziam sobretudo impressos de combate imediato, de apoio ou ataque a pessoas e facções e de propagação das novas idéias, dirigidos ao povo e à nação ou, quando fosse o caso, para a formação destes”.³³

A luta ideológica que existia antes da Proclamação da Independência brasileira, oficializada em 7 de setembro de 1822, se intensificou com o surgimento do Império. As opiniões se tornaram ainda mais exacerbadas. Neste período pós-independência, proliferaram os periódicos chamados por Isabel Lustosa de “insultos impressos”.³⁴ Um destes insultos teve grande repercussão. Obra do baiano Cipriano Barata, o jornal *Sentinela da Liberdade* foi publicado entre 1823 e 1835. A análise deste periódico constitui o objetivo deste trabalho e para que tal meta seja atingida é necessário, antes de tudo, saber um pouco da vida deste panfletário, afinal, seus escritos estavam profundamente ligados ao seu pensamento, à sua formação, enfim, à sua própria existência.

3.1 Formação em Coimbra

Cipriano José Barata de Almeida nasceu na cidade de São Pedro Velho, na Bahia, em 26 de setembro de 1762. Era filho de Luiza Josefa Xavier e do tenente Raymundo Nunes Batista.³⁵ Além de Cipriano, o casal teve ainda outros dois filhos: Joaquim e José Raymundo Barata de Almeida. Cipriano cresceu em uma Bahia de contrates, em um cenário de contradições sociais,

³¹ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Dr. Barata: político, democrata e jornalista*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1938, p. 3.

³² BARROS, Mariana; MOREL, Marco. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 15.

³³ *Idem*, p.16.

³⁴ LUSTOSA, *op. cit.*, 2000.

³⁵ GARCIA, *op. cit.*, p. 16.

no qual “as revoltas de caráter étnico social pululavam a todo momento: na infância e mocidade Cipriano Barata presenciou, em Salvador, alguns massacres de índios e de escravos africanos, cenas que lhe marcaram a memória a ferro e fogo”.³⁶

Sobre sua infância não há mais registros. Estudou no Colégio dos Jesuítas e aos 24 anos foi para a Universidade de Coimbra, em Portugal. Entre seus colegas de Faculdade estavam José Bonifácio de Andrada, Manuel da Câmara Bittencourt e José da Silva Lisboa.³⁷ Estava na Europa quando eclodiu a Revolução Francesa com seus panfletos incendiários. No ano seguinte, 1790, regressou ao Brasil em virtude do falecimento de seu pai. Voltava bacharel em Filosofia e apesar de não ter concluído os cursos de Matemática e Medicina se considerava apto a trabalhar com tais habilitações.³⁸

Novamente na Bahia, Cipriano abriu uma clínica médica em Salvador. Já estava casado com Anna Joaquina de Oliveira, com quem teve seis filhos (João Raimundo, Horácio, Iria Joaquina, Viridiana Rosa, Laura e Cipriana Sybília).³⁹ Além de trabalhar como médico, dava aulas particulares de latim, gramática e aritmética. Como clinicar e lecionar não bastaram para sustento da casa e da família, Cipriano por algum tempo tornou-se pequeno agricultor: arrendou um pedaço de sesmaria e passou a viver como lavrador. Foi assim até juntar-se a outros intelectuais na formulação de um movimento de contestação da ordem colonial, a Conjuração Baiana de 1798.

3.2 Cipriano e as revoluções

O primeiro registro de participação política de Cipriano Barata surge com seu envolvimento na Conjuração Baiana. O movimento, reflexo da crise do antigo sistema colonial, das “contradições e limitações do expansionismo luso, com o próprio desenvolvimento das forças produtivas no Brasil”,⁴⁰ foi também fruto de conspirações de uma sociedade secreta de Salvador, a “Cavalheiros da Luz”. Do clube que discutia idéias liberais participavam o padre Agostinho Gomes, o senhor de engenho Inácio Siqueira Bulcão, o coronel João Ladislau de Figueiredo e Melo e o médico Cipriano Barata.

³⁶ MOREL, *op. cit.*, 1986, p. 14.

³⁷ MOREL, *op. cit.*, 1990, p. 28.

³⁸ MOREL, *Idem*, p. 30.

³⁹ Alguns autores, como Paulo Garcia, afirmam que Cipriano já estava casado com Anna Joaquina ao voltar das Cortes. Já Marco Morel, em uma tese mais recente, defende que o baiano teve dois casamentos: no primeiro casou-se com D. Leonor, com a qual teve uma filha, Carlota. A primeira esposa teria morrido em 1825; somente oito anos depois Cipriano teria casado com Anna Joaquina. MOREL, Marco. *Cipriano Barata na Sentinela da Liberdade*. Bahia: Assembléia Legislativa da Bahia, 2001, p. 90.

⁴⁰ MOREL, *op. cit.*, 1986, p.19.

A esta época Barata ia às ruas e praças públicas fazer denúncias e discursos anticoloniais. Entre outras coisas, os revoltosos de 1798 exigiam a Proclamação da Independência e a Proclamação da República, “o fim do monopólio comercial e abertura dos portos para as nações amigas (França) e a criação da Igreja (...) desligada do Vaticano”.⁴¹ A ação da Coroa, entretanto, abateu-se rapidamente sobre a revolta; a participação de Cipriano já havia sido denunciada pelo padre José da Fonseca Neves, que teria redigido uma carta em maio de 1798, com os seguintes dizeres:

Com o mais profundo respeito o Padre José da Fonseca Neves, presbítero secular oriundo da freguesia de S. Manoel de Valongo, arcebispado do Porto, e presentemente capelão nos engenhos de Paulo de Argolo e Teibe, freguesia de N. Sra. do Monte, arcebispado da Bahia, como fiel vassalo de V. M. dá parte e denuncia que Cipriano, por alcunha o Baratinha cirurgião e a Marcelino Antonio Souza, músico, assistentes na dita freguesia e lavradores de canas nos engenhos de Joaquim Inácio da Siqueira Bulcão, são homens infensos em todos os sistemas ao alto decoro de V. M. e juntamente a Jesus Cristo e a sua esposa e nossa Mãe e Santa Igreja, pois não se envergonham de publicar as suas depravadas paixões entre os rústicos povos, já com palavras, já com escritos, feitos uns novos legisladores, não só das nossa monarquias, me fez esta parte a V. M. para que haja de dar aquela Providência que não só honre cada vez mais o nosso alto poder, mas também glorie a deus de quem somos verdadeiros filhos (...)⁴²

De acordo com Marco Morel⁴³, foram detidas 49 pessoas na repressão da revolta. Dentre elas, estava Cipriano Barata, que teve seus bens confiscados, inclusive sua biblioteca pessoal, com cerca de trinta livros, sobre diversos assuntos, como Medicina, Química, Física, Filosofia, História, Agricultura e Matemática.⁴⁴ Ele foi detido em 18 de setembro de 1798, um mês depois que panfletos foram distribuídos conclamando o povo da Bahia à revolta.⁴⁵ Branco e formado em Coimbra livrou-se da força, a qual foram condenados os negros mestiços participantes do núcleo incentivador da Conjuração: João de Deus Nascimento, Manuel Faustino dos Santos e Luís Gonzaga das Virgens.⁴⁶

Em 5 de novembro de 1799, Cipriano Barata foi julgado sob acusação de ser o autor dos panfletos espalhados em Salvador por ocasião do início da revolta. Como a letra dos panfletos manuscritos não coincidia com sua letra, o médico foi absolvido.

⁴¹ MOREL, *op. cit.*, 1986, p. 21.

⁴² GARCIA, *op. cit.*, p. 28.

⁴³ MOREL, *op. cit.*, 1986, p. 21.

⁴⁴ MOREL, *op. cit.*, 1990, p. 43.

⁴⁵ O texto do panfleto está reproduzido na página 9 deste trabalho.

⁴⁶ KOSHIBA, *op. cit.*, p. 82.

Seguia o colonialismo português. Com a chegada da Família Real ao Brasil em 1808, e com a proximidade da Coroa a colônia ficou ainda mais vigiada. Em um momento em que já estavam disseminadas idéias de emancipação, a presença do rei intensificava o poder da metrópole, a cobrança de impostos e taxas. Seguiam também, portanto, as agitações e revoltas.

Em Pernambuco, os grandes senhores rurais e os homens livres voltaram-se contra comerciantes portugueses, ainda que por motivos diferentes. Baseados em princípios revolucionários difundidos por sociedades secretas e apressados por uma tentativa de repressão, os revoltosos anteciparam a eclosão do movimento de 1817. Constituíram um governo provisório republicano e elaboraram a “Lei Orgânica”, que estabelecia uma série de novas medidas, entre elas a liberdade de imprensa. A revolta espalhou-se pelo Nordeste; suas causas foram enumeradas e defendidas no panfleto *Preciso*.

As idéias do movimento de 1817 atraíram Cipriano Barata, que pretendia guiar a expansão da revolta na Bahia. Ele estava à espera de um emissário pernambucano, que lhe passaria as informações necessárias para que continuasse a revolução em sua terra. Este emissário era o padre Roma, que teve sua jangada apreendida assim que desembarcou em Salvador. Cipriano não conseguiu encontrar com o mensageiro que tanto aguardava: padre Roma fora preso e logo em seguida fuzilado.

A repressão foi severa e muitos líderes da revolução de 1817 foram presos. Reunindo parentes dos detidos em sua própria casa, Cipriano fundou um Comitê de Anistia, destinado a levar as reclamações dos presos às autoridades e arrecadar meios para sustento dos detidos. O Comitê funcionou entre 1818 e 1820.

A participação de Cipriano nos dois movimentos deixou marcado seu nome junto às autoridades e também junto aos outros inquietos. O médico virara uma referência do pensamento anticolonial e antilusitano. Quando da chegada das notícias sobre a Revolução do Porto, em 1820, Cipriano convocou baianos a aderirem ao movimento, participando da dissolução da junta governativa portuguesa e da instalação de uma junta governativa mista. Não se admira, portanto, que tenha sido um dos deputados brasileiros eleitos para participação nas Cortes Portuguesas, conquista da revolução liberal em Portugal.

3.3 Participação nas Cortes

As Cortes de Lisboa eram formadas por “74 deputados portugueses da Europa e 46 portugueses do Brasil”.⁴⁷ Dos deputados brasileiros poucos apresentavam uma postura nacionalista como Cipriano Barata. Luís da Câmara Cascudo afirma que em Lisboa, Cipriano “Vestia sempre a casaca de algodão, tecido na cidade de Salvador, sapatos de couro de bezerro, a bengala de juá, o chapéu de palha de carnaúba, (...) comia farinha de mandioca e os cuscús de milho. Afetava um notável desprezo espartano pelas comodidades da metrópole”.⁴⁸

O tempo passado como deputado nas Cortes foi, portanto, um tempo de dificuldades no que diz respeito a embates ideológicos.

Cipriano Barata enfrentou, galhardamente, esse clima de coação. Sua coragem e até mesmo audácia na defesa das coisas do Brasil o tornaram, desde logo, conhecido e odiado não só pelos deputados portugueses, como também, pela plebe lisboeta que, constantemente, comparecia às galerias da Assembléia para invectivá-lo e apodá-lo.⁴⁹

Nas Cortes, Cipriano exercia o cargo de relator da Comissão Sobre os Negócios do Brasil.⁵⁰ Era radical na defesa de interesses brasileiros. Logo em seu primeiro dia de atuação causou polêmica: propôs que fosse suspensa toda a matéria relativa à Constituição até a chegada dos deputados brasileiros e sugeriu ainda que fossem reexaminadas todas as decisões tomadas na ausência de votos brasileiros.

Muitos foram os temas defendidos por Cipriano Barata durante seu trabalho nas Cortes. Ele defendeu a extinção de impostos e a restauração dos juízes do povo, antiga magistratura popular de tradição baiana. Já com a vivência do cárcere, Cipriano defendeu em uma das sessões a intocabilidade dos presos, alertando que nenhum homem poderia ser preso sem culpa formada. Em outra ocasião condenou a existência de masmorras, calabouços e presídios insalubres, defendendo que fossem extintos:

Que se extingam todos os calabouços e masmorras que se acham quase dentro d'água, ou debaixo de abóbadas úmidas, indo já ordem a Bahia de Todos os Santos para fazer tudo isto ficando logo extinta a prisão que se acha debaixo da abóbada do forte S. Pedro; e a outra infernal masmorra do forte do mar, pegada à cisterna, a qual masmorra tem 17 passos de

⁴⁷ MOREL, *op. cit.*, 1990, p. 77.

⁴⁸ CASCUDO, *op. cit.*, p. 3.

⁴⁹ GARCIA, *op. cit.*, p. 54.

⁵⁰ MOREL, *op. cit.*, 1990, p. 78.

comprimento e 4 de largura, tenebrosa e cheia de morte, e a outra abóbada da praia da gigueira; e outra qualquer que estiver em idênticas circunstâncias; as mesmas ordens devem ser mandadas para todas as províncias do Reino Unido. (Discurso proferido por Cipriano em 7 de fevereiro de 1822).⁵¹

Guiado sempre por idéias liberais defendeu a liberdade de imprensa, de ensino e de comércio. Quanto à educação, opunha-se a um dos artigos do projeto de Constituição que instituía a criação de estabelecimentos públicos para ensino das Ciências e das Artes. Na visão do deputado, cada um deveria ter a liberdade de ensinar ou de aprender com quem bem entendesse. No comércio, considerava um absurdo que a navegação de cabotagem no Brasil fosse somente permitida a comerciantes portugueses, visto que isto seria um obstáculo para o desenvolvimento do comércio da nação.

Ao longo da realização dos trabalhos parlamentares, Cipriano e alguns aliados foram tornando-se mais radicais, buscando abertamente uma ruptura do Pacto Colonial. Com a Independência brasileira em 1822, o jogo político alterou-se, mesmo entre os deputados brasileiros colegas de Cipriano, o qual continuaria a combater o imperador com a mudança do regime político. Diante da perda de aliados e da eminência de assinar a Constituição Portuguesa que já ficara pronta, Cipriano e mais seis deputados brasileiros abandonam as Cortes, fugindo para a Inglaterra e posteriormente voltando ao Brasil. Ainda na Inglaterra os deputados fugitivos escrevem uma carta explicando sua atitude, documento que foi publicado no *Correio Braziliense*:

(...) Os abaixo-assinados querendo prevenir qualquer suspeita alheia da verdade, que possa ocasionar a sua inesperada retirada de Lisboa, declaram à Nação portuguesa, e ao mundo inteiro, os motivos que os obrigaram a assim obrar.

Desde que tomaram assento no Congresso de Portugal, lutando pela defesa dos direitos e interesses de sua Pátria, do Brasil e da Nação em geral, infelizmente viram malogrados todos os seus esforços, e até avaliados estes como outros tantos atentados contra a mesma Nação. (...)

Os abaixo-assinados julgaram, por outra parte, que a comissão, de que estavam encarregados estava terminada, eles podiam e deviam dar conta dela aos seus Constituintes, retiraram-se para onde lhes foi possível.⁵²

Ao regressar, o baiano se depararia com um Brasil que estava nascendo, buscando afirmar-se enquanto nação. De alguma forma ele participaria deste processo de construção do

⁵¹ GARCIA, *op. cit.*, p. 61.

⁵² *Idem*, p. 79-80.

Brasil. Sua atividade política, entretanto, não se daria mais pelo trabalho parlamentar, ele passaria a atuar de outra forma, abraçando outro instrumento para sua luta: o jornal.

3.4 O panfletário

Com o advento do Império configuram-se nitidamente três forças políticas no Brasil: os restauradores, os nacionalistas e os radicais. Os restauradores, pró-colonialismo, eram burgueses lusitanos e alguns aliados brasileiros, como José da Silva Lisboa. Os nacionalistas ou “moderados” eram os representantes da elite nativa brasileira, que afinal defendiam interesses dos senhores de terras e escravos. Era representante desta força José Bonifácio. Os radicais, que reuniam desde profissionais liberais até escravos, eram aqueles que criticavam mais profundamente sistema, sendo responsáveis por grande parte das agitações. Neste grupo estava Cipriano Barata.

Quando voltou da Europa e encontrou-se em meio a estas tensões, Cipriano apressou-se em expressar suas opiniões sobre o que se passava. Publicou então um manifesto no Recife, em 1823, chamado *Análise do Decreto da Ordem do Cruzeiro*. No panfleto, ele discutia os novos rumos do Brasil, na verdade, por ele reconhecidos como estruturas antigas:

Para que combinar a Velha Monarquia com o Novo Império? E o estado do passado aviltante do Brasil com a nova Regeneração política? Longe, longe de nós semelhantes idéias, que só provam adulação e manobra para fazer apadrinhar a premeditada fundação de um Império Aristocrático. (*Análise do Decreto da Ordem do Cruzeiro*)⁵³

Publicou alguns artigos na *Gazeta Pernambucana*. Em 9 de abril de 1823 Cipriano lançou o primeiro número da primeira fase de seu jornal: o panfleto *A Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco*. *Alerta!* Começava a vida do jornalista no Recife já que ao regressar de Lisboa não pôde desembarcar na Bahia, em virtude da ocupação de tropas do imperador.

Esta primeira fase da *Sentinela da Liberdade* teve 66 números. Os textos de Cipriano nestes periódicos discutiam basicamente dois assuntos: a preparação da Confederação do Equador e a Assembléia Constituinte. Em relação à Assembléia, Cipriano fazia duras críticas. Na verdade, críticas e denúncias nunca faltavam em seus jornais, que tinham como alvos freqüentes o governo, o imperador, os ministros e seus inimigos políticos e ideológicos:

⁵³ MOREL, *op. cit.*, 1986, p. 41.

A palavra terror público, de que trataremos aqui, significa um medo horrível que se apodera de qualquer povo por meio de procedimentos cruéis e perseguições do governo, seja por meio de continuadas vexações arbitrárias, de pancadas, cadeias, etc, ou seja, por meio de devassas, pesquisas por meio de espias, denúncias, deportações ou degredos, cartas em branco, assassinatos clandestinos, etc. Esta idéia e admissão de terrorismo procede sempre da maldade do governo ou ministério, seu depotismo e tirania: quando qualquer governo ou gabinete, receando que o povo lhe resista e não se sujeite a este estado violento que ataca aos direitos (...) Eis aqui o estado violento e lastimoso em que se acha a Corte do Rio de Janeiro.⁵⁴

O jornalista foi eleito pela Bahia para fazer parte da Assembléia Constituinte Brasileira, no entanto recusou-se a se tornar deputado. A recusa lhe rendeu nova prisão: foi detido na Fortaleza do Brum, no Recife, em novembro de 1823. De dentro da fortaleza redigiu o último número da primeira fase do jornal, cujo título era a *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco, Atacada e Presa na Fortaleza do Brum por Ordem da Força Armada Reunida, Alerta!*. Muito escreveu sobre o movimento de 1824, mas dele não pode participar efetivamente em virtude da detenção.

Quanto mais escrevia mais Cipriano era perseguido. Os títulos dos jornais ganhavam os nomes dos lugares dos quais o jornalista escrevia e é por isso que, com uma vida marcada pelo cárcere, Cipriano ainda escreveria: *Sentinela da Liberdade na Guarita do Quartel General de Pirajá, hoje presa na Guarita da Ilha das Cobras no Rio de Janeiro, Alerta!*, *Sentinela da Liberdade na Guarita do Quartel General de Pirajá, hoje presa na Guarita de Villegaignon no Rio de Janeiro, Alerta!*, *Sentinela da Liberdade na Guarita do Quartel General de Pirajá, hoje presa na fragata Niterói, Alerta!*, *Sentinela da Liberdade, hoje na Guarita do Quartel General de Pirajá, na Bahia de Todos os Santos. Alerta!* e o *Sentinela da Liberdade na Guarita do Quartel General de Pirajá, mudada despoticamente para o Rio de Janeiro, e de lá para o Forte do Mar da Bahia, donde generosamente brada Alerta!*

Ficara sete anos preso. Às vésperas do fim do Primeiro Reinado foi solto, regressou a Salvador e voltou a publicar seu jornal. Barata encontrou um ambiente político ainda agitado que ganhara agora um novo ponto de discussão: a queda de D. Pedro I e o início do período regencial. Novamente a rearticulação de forças políticas tinha promovido mudanças e agora mesmo, que tinha sua pena como arma, Cipriano não podia ficar quieto.

De novo a mudança do regime político não significava uma ruptura, mas antes uma continuidade: os liberais radicais continuaram a ser cassados e reprimidos. A continuidade dos

⁵⁴ *Idem*, p. 45.

moderados suscitaria rebeliões, como a Cabanagem e a Farroupilha.⁵⁵ Ambos os movimentos utilizariam como forma de divulgar suas idéias os jornais, que tomaram emprestado o formato e o nome dos jornais de Cipriano.⁵⁶

Suspeito de estar organizando uma rebelião de escravos, Cipriano foi preso novamente, aos 71 anos. A imprensa panfletária, com as várias vozes que a caracterizavam neste momento, protestou a prisão do jornalista. Barata fora levado para a prisão da Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, e de lá seria transferido ainda a outras prisões, sempre publicando seus jornais, onde estivesse.

O jornalista ficou doente e foi internado, ainda preso, no Hospital Militar de Salvador. Somente em 1834 seria solto, já em estado debilitado de saúde, padecendo com dores reumáticas, diabete, magreza acentuada, retenção da urina e dores nos rins.⁵⁷ Não podia voltar ao Rio de Janeiro ou ficar na Bahia, pois seria preso.

Em 1835 escreveria o último número das *Sentinelas*. Dois anos depois mudou-se com a mulher e os filhos para Natal a convite do governador do Rio Grande do Norte, seu amigo. Muito doente, faleceu em casa no dia 1º de junho de 1838. Foi enterrado na Capela do Senhor Bom Jesus, em Natal.

⁵⁵ A Revolta conhecida como Cabanagem aconteceu no Pará, entre 1833 e 1836. Os paraenses aspiravam certa autonomia com a Independência e como esta autonomia não aconteceu, visto que governadores de províncias continuavam a ser escolhidos pelas autoridades do governo, os revoltosos apelaram para as armas e tomaram o poder. A Regência também era a esperança dos estancieiros do Rio Grande do Sul, que só viram seus problemas avolumarem-se com a Independência brasileira. A Farroupilha, movimento que contestava a ausência de proteção por parte do poder central em relação aos acontecimentos da região eclodiu em 1835, somente sendo reprimida com o início do Segundo Reinado, em 1845.

⁵⁶ Durante a Cabanagem surgiu o panfleto *Sentinela da Liberdade Maranhense na Guarita do Pará* e na Farroupilha surgiu o *Sentinela da Liberdade no Forte de São Pedro*. Ambos procuraram seguir a fórmula incendiária dos jornais de Cipriano.

⁵⁷ MOREL, *op. cit.*, 1990, p. 175.

4. O DISCURSO DAS *SENTINELAS DA LIBERDADE*

Em uma época em que os jornais caracterizavam-se pela efemeridade e brevidade, as *Sentinelas da Liberdade* se destacam por uma longa existência. Apesar de uma irregularidade em virtude da alternância entre períodos de publicação contínua e outros em que nada era impresso, pode-se dizer que a atividade panfletária de Cipriano durou doze anos; entre 1823 e 1835. Seu trabalho jornalístico iniciou-se com a *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco. Alerta!*, cujo primeiro número foi publicado em 9 de abril de 1823 e o último, número 66, já escrito por Cipriano no cárcere, recebeu o título de *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco, Atacada, e Presa na Fortaleza do Brum por Ordem da Força Armada Reunida, Alerta!*

Em 1830 seria solto, às vésperas da Regência. Volta aos jornais e publica o *Sentinela da Liberdade Hoje na Guarita do Quartel General de Pirajá, na Bahia de Todos os Santos. Alerta!* Envolvido com as agitações que pregavam morte aos “marotos”,⁵⁸ Cipriano foi novamente preso e de dentro dos fortes pelos quais passava escrevia algumas edições de sua *Sentinela*, que foram devidamente impressas e distribuídas; no Rio escreveria nos fortes de Villegaignon e da Ilha das Cobras e também em um navio prisão de Niterói.

Transferido para a Bahia, o panfletário ainda conheceria duas novas prisões: a do Forte do Mar e a de Presiganga. Voltaria a escrever, em 1834, no lugar onde tudo começou, Pernambuco. Já liberto e idoso, publicaria a última fase de sua *Sentinela*, a *Sentinela da Liberdade na sua Primeira Guarita, a de Pernambuco, onde hoje brada Alerta!*, cujo último número data de 26 de setembro de 1835.

4.1 Jornal artesanal

Como todos os outros pasquins que apareceram nesta segunda fase da imprensa brasileira, os jornais de Cipriano Barata eram artesanais. Nestes anos em que as técnicas de impressão ainda se firmavam, pouco a pouco, os jornais, fossem de oposição ou de “situação”, tinham em comum características formais, como o número de páginas, o formato, o preço e o tipo de venda. Como era reduzido o número de tipografias no país, por muitas vezes, periódicos de inimigos políticos ou de posições ideológicas radicalmente opostas eram impressos pelo mesmo tipógrafo.

⁵⁸ Cipriano Barata chamava os comerciantes portugueses moradores no Brasil de marotos; consta em seus jornais que assim eles eram conhecidos em Salvador.

As *Sentinelas* de Cipriano foram impressas em diversas tipografias. A primeira delas, a *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco. Alerta!* era produto da Tipografia Cavalcanti & Companhia. A fase do jornal que é escrita na Bahia, em 1830, foi impressa em dois lugares: primeiramente na Tipografia do Baiano e depois na Tipografia da Viúva Serva e Filhos. Quando estava no Rio de Janeiro, Cipriano recorria a Tipografia de Torres. Já na última fase do jornal, os escritos de Cipriano foram impressos e reproduzidos pelas Tipografias Pinheiro e Faria e MM Vianna e Companhia. Por lei, todas as tipografias eram obrigadas a assinar seus jornais. Os exemplares podiam ser adquiridos nestas tipografias, em lojas e farmácias ou por assinaturas.⁵⁹

Diferentes tipografias assinaram a produção das *Sentinelas da Liberdade*, entretanto, a forma do jornal pouco mudou durante os doze anos de publicação. Luiz do Nascimento descreve aspectos da primeira fase do jornal:

Pequeno formato de 19 x 13, com quatro páginas, a princípio duas colunas normais e, depois, em coluna larga (...) Vendia-se o exemplar a 40 réis (...) circulando às quartas-feiras e sábados. Quando havia suplemento (apenas duas páginas) custava, a parte, 20 réis.⁶⁰

Esta descrição se estende a outras fases do periódico do panfletário baiano, aceitando certas variações. Em 31 de janeiro de 1831, no terceiro número da *Sentinela da Liberdade na Guarita do Quartel General de Pirajá, hoje Bahia de Todos os Santos. Alerta!*, Cipriano escreveu um ensaio sobre legitimidade que ocupou cerca de 25 páginas do periódico. Neste caso, o texto foi publicado na íntegra em uma única edição; em outras ocasiões, os textos de Cipriano foram divididos em diferentes números e, para isso, chamava atenção o próprio redator: “estamos na necessidade de continuar a refletir sobre o que dissemos no nosso n° 21”.⁶¹

Uma característica particular das *Sentinelas* diz respeito à epígrafe. Como destaca Nelson Werneck Sodré, a epígrafe era característica marcante dos jornais panfletos, normalmente “tirava-se a epígrafe, em versos na maior parte das vezes, da obra de autores conhecidos, Camões com mais freqüência, ou de discursos, conferências, trabalhos políticos, ou da própria Constituição”.⁶² Versos como “Os que são bons, quando favorecessem / Os maus enquanto podem nos empecem” ou “A verdade que eu conto nua e pura / vence toda a grandíloqua

⁵⁹ MARRACH, Sonia Aparecida Alem. *O Jornalismo Político de Cipriano Barata*. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica. São Paulo: PUC, 1992, p. 130.

⁶⁰ NASCIMENTO, Luiz do. *História da Imprensa de Pernambuco (1821 – 1954)*. Pernambuco: UFPE, 1967, p. 44.

⁶¹ *Sentinela da Liberdade na sua Primeira Guarita, a de Pernambuco, onde hoje brada Alerta!*, 20/09/1834.

⁶² SODRE, *op. cit.*, p. 158.

escritura”⁶³ apareciam logo abaixo de títulos de jornais, como que ratificando a postura do periódico.

Em todas as suas *Sentinelas* Cipriano Barata utilizou como epígrafe apenas a palavra *Alerta* acompanhada de um ponto de exclamação. O vocábulo servia inteiramente ao propósito do jornalista, ou melhor, do Sentinela, que escrevia para denunciar e fazer reagir seus leitores: “eu hei de gritar alerta contra quem errar, seja quem for; pois estas são as ordens que recebi do meu capitão – a Vigilância”.⁶⁴

Não existiam seções fixas nas *Sentinelas da Liberdade*. Algumas vezes um ensaio ocupava as quatro páginas; em outras edições parte do espaço era reservado a publicação de cartas e manifestos dos leitores. Na primeira fase do periódico era comum o uso do espaço inferior da última página fosse ocupado por um anúncio. Desta forma, em 1823, era possível abrir a *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco. Alerta!* e deparar-se com os seguintes anúncios:

Os bilhetes de loteria se principiarão a vender no dia 30 do corrente na casa do Tesoureiro da mesma Antonio da Silva & Companhia na rua do Vigário do Recife; na Loja de Clemente José Ferreira da Costa na Rua do Crespo nº 1.⁶⁵

Na noite de 21 para 22 furtaram da casa de Senhor Martin Francez, morador à rua Nova, duas rebecas com caixa e arco e uma grande porção de (?) e alguma roupa: quem descobrir o furto, ganhará vinte mil réis de alviças que o mesmo senhor oferece.⁶⁶

Os anúncios eram um aspecto exclusivo da primeira fase das *Sentinelas*; nos outros períodos de publicação do periódico eles não aparecem.

4.2 Ensaio sobre Liberdade

Sendo um pasquim, conforme denominou Nelson Werneck Sodré, a *Sentinela da Liberdade* apresentava como “traço específico” o fato de ser “produto de uma pessoa só”. Não se pode esquecer que este era o período em que o gazeteiro era “um homem, escritor, foliculário,

⁶³ Epígrafes dos jornais *Trombeta dos Farroupilhas* e *Diário Constitucional*.

⁶⁴ *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco. Alerta!*, 28/06/1823.

⁶⁵ *Idem*.

⁶⁶ *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco. Alerta!*, 25/06/1823.

político, servindo a interesses seus ou de outrem, adotando orientação própria ou obedecendo àquela imposta por seus mandantes, escrevia o jornal inteiro”.⁶⁷

Cipriano era o Sentinela que escrevia de sua Guarita. Por isso, seu jornal era escrito em 1ª pessoa e, muitas vezes, aproximava-se de um diário, no qual o panfletário relatava sua movimentação política e suas prisões. Divulgava fatos individuais, os quais começavam a ganhar importância para o coletivo, visto que eram acontecimentos representativos do que aquele Brasil em formação vivia: as nuances e interrupções da vida de Cipriano eram representativas, de certa forma, da instabilidade política, social e até econômica do Império.

Sonia Marrach chama atenção para a presença de uma “função emotiva”⁶⁸ nos escritos do panfletário. Tal característica fica clara a partir da leitura de qualquer texto de Cipriano, o que acaba por desvendar uma contradição curiosa: partindo dos princípios iluministas e racionalistas, o baiano acabou tentando “levar as luzes” aos seus leitores com um discurso que emociona porque é direto, interpelador e parte de experiências de sofrimento, com as quais o público se identificava. Os leitores ligavam-se afetivamente a Cipriano diante das palavras que convocavam à adoção de certas idéias e práticas. Tais mecanismos de aproximação e emoção do leitor ficam visíveis nas seguintes passagens:

Não pense alguém que a Sentinela dorme; ela está vigilante e vai bradar segundo o seu costume para bem da humanidade.⁶⁹

É com grande esforço pego na minha arma para vigiar esta nova guarita de Pirajá, posição segura e nosso quartel general, apesar do terrível fogo que me podem dirigir astutos inimigos com intrigas e perseguições, a tudo me aventuro.⁷⁰

(...) pois hoje esta mãe pátria, nação livre e independente, é de nós todos (...) hoje somos brasileiros e formamos um só corpo, e povo de irmãos livres, uma só palavra abrange tudo. Portanto, cheio de confiança, e com os olhos fitos em ti, ó pátria, dou princípio ao meu trabalho, ajudando a causa pública nesta nova guarita, pois apesar de tudo parecer que vai bem, segundo o sistema dos egoístas, traidores, moderados, camelos, eu sempre gritarei como soldado da liberdade(...) ⁷¹

A linguagem violenta utilizada por Cipriano também acabava por aproximar os leitores, que lendo a *Sentinela* facilmente visualizavam um confronto, uma luta ou discussão. Não se

⁶⁷ SODRE, *op. cit.*, p. 159.

⁶⁸ MARRACH, *op. cit.* p. 100.

⁶⁹ *Sentinela da Liberdade na sua Primeira Guarita, a de Pernambuco. Alerta!*, 25/07/1835.

⁷⁰ *Sentinela da Liberdade, hoje na Guarita do Quartel General de Pirajá, hoje Bahia de Todos os Santos. Alerta!*, 12/01/1831.

⁷¹ *Idem.*

pode esquecer que as *Sentinelas* eram escritas em uma época em que a maioria das pessoas não sabia ler e, portanto, era comum que textos fossem lidos em voz alta, em uma roda de amigos, nos clubes etc. Os analfabetos estavam, por esta via, ao alcance do discurso de Cipriano. É interessante imaginar, por exemplo, o impacto do texto abaixo transcrito nos receptores pela leitura e, mais ainda, por audições em grupo:

Chama-se Caramurus aqueles traidores da pátria, que são sequazes do malvado ex-tirano D. Pedro I e o desejam introduzir no Brasil, os Caramurus são os chamados restauradores, monstros infames que nos atraioam e forcejam por estabelecer o governo absoluto e acabar com a nossa Independência e liberdade.⁷²

Era quase impossível ao leitor da época, diante de todos os acontecimentos e diante de tal texto ficar indiferente. O discurso de Cipriano pretendia emocionar, incitar e provocar uma reação, um movimento que defendesse as idéias que o panfletário entendia e divulgava como certas e necessárias ao Império do Brasil. Os artigos e ensaios de Cipriano buscavam mobilizar, fosse contra o imperador, os ministros ou os caramurus. Mobilizar todos em prol de suas causas, no fim, em prol de sua grande causa: a construção de um Estado brasileiro independente baseado em um sistema federativo.

O caráter doutrinário das *Sentinelas da Liberdade* também se justifica por esta tentativa de conquistar a opinião dos leitores. O aspecto factual era muito raro, quase nulo no jornal de Cipriano. Os acontecimentos eram utilizados muitas vezes apenas como ponto de partida para suas reflexões e denúncias, constituindo o que Marrach denomina “notícia-artigo”.⁷³ Em meados de 1823, partindo da divulgação da tentativa de assassinato de Luis Augusto May, redator de *A Malagueta*, o panfletário elabora um longo texto sobre a liberdade de imprensa, do qual segue abaixo um trecho:

(...) A escandalosa prisão da imprensa aqui no Rio de Janeiro, reunida com a falta de segurança individual, ou pessoal para se escrever, ler e falar com liberdade, fazem que todos andem inquietos e aflitos em Pernambuco, e perguntem uns aos outros como poderia fazer-se uma Constituição liberal sem haver essa indispensável liberdade de imprensa, para todos escreverem a vontade, espalharem idéias, combinarem e elucidarem as matérias e assim se espalharem as luzes, e se anunciar a pública opinião das províncias.⁷⁴

⁷² *Sentinelas da Liberdade na Guarita do quartel General de Pirajá; mudada despoticamente para o Rio de Janeiro, e de lá para o Forte do Mar da Bahia, donde generosamente brada Alerta!*, 21/11/1832.

⁷³ MARRACH, *op. cit.*, p. 96.

⁷⁴ *Sentinelas da Liberdade na Guarita de Pernambuco. Alerta!*, 07/06/1823.

4.2.1 Ataques pessoais

Cipriano Barata combatia idéias, governos e pessoas. Ataques individuais, muitas vezes carregados de xingamentos e insinuações, eram constantes em seus jornais. Uma análise de sua produção jornalística faz emergirem diversos oponentes fortemente criticados: D. João VI, D. Pedro I, José Bonifácio Andrada e seu irmão, Antonio Carlos, Diego Feijó, José da Silva Lisboa e tantos outros gazeteiros e políticos.

Estes ataques reforçam o caráter personalista do discurso do panfletário baiano. Como afirma Sonia Marrach, no texto das *Sentinelas* “os acontecimentos e os processos políticos são personalizados ora na figura dos ministros, ora na do imperador, ora na de Feijó ou de Evaristo, ora nos governadores de armas etc.”.⁷⁵ Este mecanismo deixava clara a opinião do autor e, ao mesmo tempo, fazia crescer a hostilidade do público em relação a certas figuras, certos atores sociais. O personalismo era mais uma faceta do jornalismo doutrinário de Cipriano. Na *Sentinela da Liberdade na Guarita do quartel General de Pirajá, hoje presa na Guarita da Fragata Niterói em o Rio de Janeiro. Alerta!* podia-se ler um ataque a D. Pedro I: “(...) traidores que ainda parecem esperar pelo demônio do Brasil, ex-imperador D. Pedro I, não obstante ser este um assassino, cruelíssimo traidor, adúltero (...)”.⁷⁶

Sobre Antonio Carlos Andrada, escreveria:

(...) Mas agora quero eu envergonhar Antonio Carlos: diz homem alucinado pela soberba; não tens peio de favorecer o Governo Absoluto e de promoveres o despotismo? Tu que em 1817 andastes puxando pelas ruas atado em cordas com as mãos para trás, cuspidor, vituperado, sujo no rosto com xichelos do monturo, e gatos mortos, assuviado e apupado; tu te atreves a favorecer o despotismo? Tu que foste em gargalheira pelas ruas públicas de Pernambuco, levado sem chapéu entre baldões, com uma música de zabumba, que tocava o lundu para o povo concorrer e te afrontar por toda a parte: tu te atreves a favorecer o Governo Absoluto?⁷⁷

A resposta ao gazeteiro da *Idade d' Ouro* mostraria uma faceta irônica das *Sentinelas*; muitas vezes o humor era também um instrumento de ataque:

(...) Vira esse cachaço, / Toma cachaço/ Na queixada larga,/ Chupa bofetão.
De traquete velho, / Forma camisa:/ De cem mil retalhos / tece seu gibão./
(...) A Bahia é nossa / passa fora cão:/ A Bahia engeita,/ quem é marotão.⁷⁸

⁷⁵ MARRACH, *op. cit.*, p. 98.

⁷⁶ *Sentinela da Liberdade na Guarita do quartel General de Pirajá, hoje presa na Guarita da Fragata Niterói em o Rio de Janeiro. Alerta!*, 07/01/1832.

⁷⁷ MOREL, *op. cit.*, 1990, p. 72.

⁷⁸ *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco. Alerta!*, 05/07/1823.

Nomeados, os inimigos de Cipriano Barata ficavam ainda mais claramente definidos. Em uma disputa, como a que era palco da imprensa de pasquim, quando os leitores visualizavam os oponentes decidiam mais facilmente de que lado estavam. No fim, o personalismo nos textos das *Sentinelas* era mais uma forma de travar a luta de conquista da opinião pública, declarando quem eram os inimigos “da nação e da pátria”.

4.2.2 Os principais temas

Cipriano Barata escreveu sobre o Brasil colônia, o Primeiro Reinado e o período Regencial. Ele viveu os três momentos. Embora estas mudanças no regime político tenham propiciado certas modificações, o que se percebe, a partir da leitura dos periódicos, e, portanto, a partir da visão do gazeteiro, é uma continuidade. A *Sentinela* nasce com a missão de alertar os brasileiros para a administração do Brasil, para denunciar o caráter monocrático do governo e a centralização administrativa e pregar a unidade federada como suporte de um modelo independente. Estas mesmas questões ainda estavam presentes nos últimos números da *Sentinela*:

(...) E que não vê que o governo da capital é o primeiro a quem segundo a forma devemos temer? Suas ordens, todos os seus passos, parece que o demonstram: ele só os entretencem, com o maquiavelismo de criar muitos empregados desnecessários, que o sustentem, (...) com autoridades desleais que o tiranizam, sapeando-nos desta arte com intrigas para nos desunirmos e ficarmos em estado de sermos invadidos e conquistados. (...) Só estúpidos, egoístas e covardes fecham os olhos a estas perfídias, tão claras como a luz do dia. É por isso que a *Sentinela* brada para todo o Brasil.”⁷⁹

Além desses assuntos também foram temas recorrentes dos pasquins de Cipriano a liberdade de imprensa, a responsabilidade dos ministros e de outros empregados políticos, as leis e o recrutamento de Forças Armadas. Em um de seus ensaios Cipriano reproduziu o “Credo político”, uma sátira feita a partir do Credo da Igreja Católica, que reunia as principais idéias do médico baiano:

Creio na Santa Independência absoluta do Império do Brasil; e tal sorte que, ainda hoje, querendo alguém união com Portugal, não se deve consentir nessa união, seja o pretexto qual for.

⁷⁹ *Sentinela da Liberdade na sua primeira Guarita, a de Pernambuco, onde hoje brada Alerta!*, 20/09/1834.

Creio na Constituição e reunião das Províncias, que para terem força hão de formar um só corpo maciço, a fim de fazer oposição, e dissolver qualquer trama que possa ser inventada ara desorganizar o sistema liberal.

Creio na Remissão, ou alívio das nossas desgraças por meio de uma Constituição liberal, como foi ajustado, na qual parece de razão que não haja veto absoluto, nem a iniciativa das leis fora das Côrtes ou Congresso Soberano; nem nas duas Câmaras, nem o Comando das Armas do nosso Imperador; e na qual deve haver Jurados no Civil e crime, e liberdade de imprensa, e a responsabilidade dos Ministros e de todos os Empregados públicos; além de tudo mais segundo as Bases, que já foram juradas, e de que parece não nos devemos apartar.

Creio na Ressurreição da liberdade de imprensa; na destruição das devassas, terrores e espias pela vigilância do nosso Congresso Soberano; e na destruição de tudo mais que nos é danoso.

Creio na Vida eterna da Constituição e no Patriotismo Brasileiro, Vigilância e bom Governo do Imperador; constância e valor das Províncias. Amém, Senhor.⁸⁰

Nesta mesma linha também foi redigido o “sinal da Santa Cruz católico, que devem fazer todos os brasileiros de manhã quando se levantarem”:

Pelo sinal da Santa Cruz livre nos Deus nosso Senhor do Comando das tropas do Imperador, e do Veto absoluto, que é irmão do despotismo: de nossos inimigos nobres em Câmara, e sem ela, formando nobreza hereditária com morgados e vínculos. Em nome do Padre, seja criada a completa liberdade de imprensa e consciência. Em nome do Filho, se crie a liberdade das Indústrias de Corpo e Espírito, para gerarem Ciência e Riqueza, com toda segurança individual: em nome do Espírito Santo se crie o verdadeiro Tribunal elegível – e a Responsabilidade dos Ministros e de todos os empregados públicos. Amém.⁸¹

Por algumas vezes o panfletário se referia a acontecimentos externos. Na edição número 48 da *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco. Alerta!*, Cipriano analisa fatos ocorridos na história do México:

O imperador Eturbitais artes fez, que perdeu o Império, a soberba, os aduladores, e mais que tudo o desejo de fundar o Governo Absoluto, deu com ele em terra, quando se lhe falava em alguma coisa a bem do povo e da Pátria, respondia não pode ser, porque é contra os direitos de minha soberania, se lhe falaram em outras coisas, tornara: isso é contra as leis do Santo Ofício, prendeu 15 deputados e por último dissolveu o Congresso, enfim, tanto fez e tanto asniou, que o povo cumpriu o seu dever.⁸²

⁸⁰ *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco. Alerta!*, 17/05/1823.

⁸¹ *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco. Alerta!*, 27/09/1823.

⁸² *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco. Alerta!*, 17/09/1823.

As objeções ao governo ou aos portugueses eram quase em todos os caso acompanhadas de uma proposta, um projeto de nação, de pátria. Quando discute os artigos da Constituição que estava sendo elaborada, em 1823, Cipriano sugere alguns artigos para a Carta:

(...) Art. 36 – A Nação Brasileira é a reunião voluntária de todas as províncias e de todos os brasileiros nelas existentes.

Art. 37 – A Nação Brasileira é livre e independente e não pode ser patrimônio de ninguém; e nem se deve unir nunca com Portugal, nem com qualquer outra nação do mundo.

Art. 38 – A Nação Brasileira forma um Império federativo tão somente na figura do senhor D. Pedro Primeiro, e sua dinastia; e não pode ser repartido com ninguém em tempo algum.

Art. 39 – A Constituição política do Império do Brasil, é representativa, federativa, feita livremente pelo voto geral da Nação Brasileira; por meio de seus deputados, delegados, eleitos e reunidos, segundo as Leis e os direitos inalienáveis e imprescritíveis dos povos.

Art. 40 – Os representantes da Nação Brasileira são os Deputados de cada Província, e de todas elas reunidos em Assembléia Geral Soberana.

Art. 41 – A soberania reside essencialmente na Nação, e não se pode alienar ou delegar.

Art. 42 – Só a Nação Brasileira pode fazer sua Constituição; e (ilegível) sanção do Imperador.

Art. 43 – Os poderes políticos da Nação Brasileira são três: Poder Legislativo, Poder Executivo e Poder Judiciário. Estes poderes são (ilegível) da Soberania do Povo.⁸³

Críticas ao poder, à centralização; ataques pessoais, questionamento de leis e instituições; valorização da nação e da pátria. As *Sentinelas* carregavam as idéias do médico baiano, idéias estas que tinham como objetivo maior a liberdade. Esta era a bandeira do jornal; da liberdade o sentinela era partidário e por ela gritava *Alerta!* Curioso pensar como estes anos em que Cipriano Barata usou a imprensa para conclamar os brasileiros à liberdade coincidiram em maioria com os anos que o baiano passou nas prisões. Talvez a passagem pelos cárceres fez Cipriano valorizar ainda mais a liberdade que bradava.

4.2.3 A guarita gradeada

Marco Morel afirma que Cipriano Barata inaugurou o “jornalismo de cárcere”.⁸⁴ Como já foi visto, ainda quando escrevia a primeira fase de seu jornal, o gazeteiro foi preso, detido na Fortaleza do Brum, em Recife, e de lá escreveria as últimas *Sentinelas da Liberdade na Guarita*

⁸³ Citado em GIL, Antonio Carlos Amador. *Projetos de Estado no alvorecer do Império*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2002. p. 103-104.

⁸⁴ MOREL, *op. cit.*, 1986, p. 48.

de Pernambuco, as quais, por motivo da prisão, tiveram um acréscimo no título: *atacada e presa na Fortaleza do Brum por ordem da Força Armada Reunida. Alerta!* Do ano desta prisão, 1823, até o fim de sua vida, Cipriano conheceria muitos cárceres. As detenções não impediram seus trabalhos de redator. Assim sendo, de 1823 em diante, seus jornais ganhariam outra função: a de informar aos leitores o local onde o baiano estava, quando detido.

Em 1831, quando foi preso novamente e levado ao Rio de Janeiro, Cipriano escreveu de dentro de três cárceres: publicou a *Sentinela da Liberdade na Guarita do Quartel General de Pirajá, hoje presa na Guarita de Villegaignon, em o Rio de Janeiro. Alerta!* e a *Sentinela da Liberdade na Guarita do Quartel General de Pirajá, hoje na Guarita da Ilha das Cobras em o Rio de Janeiro. Alerta!*; depois, acusado de participar de uma revolta de militares e transferido para um navio-prisão, ele publicou a *Sentinela da Liberdade na Guarita do Quartel General de Pirajá, hoje presa na Guarita da Fragata Niterói em o Rio de Janeiro. Alerta!* Ainda neste período de condenação o baiano seria levado para o Forte do Mar, de onde escreveria a *Sentinela da Liberdade na Guarita do quartel General de Pirajá; mudada despoticamente para o Rio de Janeiro, e de lá para o Forte do Mar da Bahia, donde generosamente brada Alerta!*

A publicação das *Sentinelas* em períodos nos quais Cipriano esteve preso revela que em raros momentos o panfletário esteve incomunicável. Recebia visitas de Ana Joaquina, de amigos e companheiros políticos, os prováveis responsáveis pela entrega dos manuscritos nas tipografias. Na sua guarita gradeada, o gazeteiro também recebia correspondências de seus leitores, que viraram alvo de seus ensaios e artigos.

4.2.4 Cartas ao sentinela

A presença de cartas de leitores era um traço particular das *Sentinelas da Liberdade*. Os leitores podiam tornar públicas suas opiniões, suas denúncias ou seu apoio ao redator. Na seção “Correspondência”, foi publicada, em 16 de julho de 1834, uma carta na qual o leitor reclamava da falta de água em Pernambuco:

Senhor redator,
Atenda a estas causas. Não há um chafariz d’água pura em Pernambuco; as águas são pouco boas, e logo que chegam tornam-se péssimas (...) não temos pontes nem estradas; nem cais, voando o dinheiro em desperdícios de pensões mal dadas.⁸⁵

⁸⁵ *Sentinela da Liberdade na sua primeira Guarita, a de Pernambuco, onde hoje brada Alerta!*, 16/07/1834.

Em uma edição anterior das *Sentinelas*, em 1823, outra carta criticava o despotismo na região:

Ó da Sentinela! Alerta!

Rogo-lhe senhor Sentinela queira inserir esta carta na sua gazeta. O povo está com a cabeça tonta de ver o descaramento do despotismo em Pernambuco, além de outras coisas é notável isso (...) Senhor sentinela, não se pode entender bem o que isto seja: parece que nós dormimos sobre os deveres da nossa independência e liberdade do Império e até parece que Deus nos acuda. Peço-lhe pois faça algumas reflexões, porque o descontentamento é geral, e todos os bons pernambucanos andam a cismar e se benzer.⁸⁶

Em geral, Cipriano comentava os temas apresentados pelos leitores logo após os textos das cartas. Muitas vezes, mensagens de apoio eram enviadas ao panfletário. Seu jornal destacou-se por ser pioneiro na apresentação da opinião feminina: em 1823 foram publicados dois manifestos de leitoras paraibanas, chamadas pelo redator de “nobres espartanas da Paraíba”.⁸⁷ Elas discutiam a participação política feminina. Aos apelos e manifestações que lhe chegavam (logicamente às que lhe cabiam publicar conforme interesse pessoal e do jornal), o gazeteiro, na maioria dos casos, respondia; Cipriano criava um diálogo com os leitores, como mostra trecho de seu jornal em janeiro de 1832:

Contudo eu quero que o leitor saiba, que falo segundo a voz pública, e só desejo que em tudo valha a razão e a verdade: e peço do senhor promotor Saraiva, olhe para o tempo e o ano de 1832, refletindo que é brasileiro, e leia a Sentinela da Liberdade com intenção mais pura, lógica, hermenêutica e patriotismo: a mim só entende em termos quem pode entender. E não me persigam porque sirvo ao meu país e porque brado Alerta!⁸⁸

As correspondências chegavam de todo o Brasil. Isto porque os jornais de Cipriano, embora amargos ao governo e muitas vezes rasgados em praça pública, se espalhavam rapidamente, conquistando opinião na Paraíba, em Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Maranhão, Minas Gerais, Ceará e Rio Grande do Sul.

⁸⁶ *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco. Alerta!*, 26/04/1823.

⁸⁷ *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco. Alerta!*, 17/08/1823.

⁸⁸ *Sentinela da Liberdade na Guarita do quartel General de Pirajá, hoje presa na Guarita da Fragata Niterói em o Rio de Janeiro. Alerta!*, 07/01/1832.

4.2.5 Outras sentinelas em outras guaritas

A idéia de uma rede de comunicação ainda era de fato precária nesta segunda fase da imprensa brasileira. Contudo, é certo que as *Sentinelas da Liberdade* repercutiam de forma ampla pelo país, pois tal repercussão servia inclusive aos interesses do panfletário: a formação da nação livre do Brasil. A existência de idéias políticas semelhantes às de Cipriano fizeram bradar a *Sentinela* em diversos cantos. Como afirma Morel,

Para que esta articulação de jornais impressos tenha alcançado o vulto que teve, é porque ela (a *Sentinela*) se viu embasada, impulsionada, por movimentos políticos com alguma interligação em diversos pontos do Brasil – por mais precária ou restrita, tal ligação existiu.⁸⁹

Esta articulação, como o próprio Morel escreveu depois⁹⁰, também se deveu a repetição de algumas palavras no título do periódico: o nome do jornal possuía uma parte fixa e outra que mudava de acordo com o local onde o texto era redigido, como já visto. Se esta repetição criava uma identidade para o jornal, ela também acabou por gerar outras *Sentinelas* pelo país que não eram de autoria de Cipriano; gazetas de outros liberais, outros que bradavam pela liberdade em outras guaritas. De acordo com Hélio Viana,

A maior prova da influência de Cipriano José Barata de Almeida no meio político e jornalístico brasileiro não é, porém, a fornecida pela repercussão de suas prisões, nem pelas contínuas referências ao seu nome, aparecidas nos jornais de seu tempo. É a que se contém na prolongada adoção do título de seus mal feitos e violentos pasquins, em numerosos periódicos brasileiros, cujas saídas ocorreram entre 1823 e 1889.⁹¹

Em 20 de setembro de 1832 o médico Joaquim Soares Meireles começou a publicar a *Sentinela da Liberdade* no Rio de Janeiro. Neste primeiro número, Joaquim Meireles justificava a herança: “Não pareça estranho a publicação deste periódico com título de outro igual na Bahia, pois as sentinelas devem multiplicar-se”.⁹²

Ainda em 1832 surgiu a *Sentinela da Liberdade à beira do mar da Praia Grande*, também no Rio de Janeiro. Algum tempo depois, em 1835, surgiria a *Sentinela do Povo* e, em 1869, seria publicada a *Sentinela da Liberdade*, órgão abolicionista.

⁸⁹ MOREL, *op. cit.*, 1990, p. 195.

⁹⁰ MOREL, *op. cit.*, 2001, p. 350.

⁹¹ VIANNA, Hélio. *Contribuição à História da Imprensa Brasileira (1812 – 1869)*. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1945, p. 501.

⁹² MOREL, *op. cit.*, 1990, p. 196.

Pernambuco também seria local de nascimento de outros dois jornais: a *Sentinela da Liberdade*, em 1848 e a *Sentinela da República no Estado de Pernambuco*, em 1891. No Ceará, em 1830, foi publicada a *Sentinela Constitucional* e, em 1838, a *Sentinela Cearense na Ponta de Mucuripe*. Em tempo da revolta conhecida como Cabanagem, seriam publicadas por Vicente Ferreira a *Sentinela Maranhense* e a *Sentinela Maranhense na Guarita do Pará*. Ainda no Maranhão surgiu uma outra *Sentinela da Liberdade*, em 1849.

Teófilo Ottoni foi o redator da *Sentinela do Serro*, publicada em Minas Gerais. No Rio Grande do Sul, entre 1830 e 1837, grupos participantes da Revolta Farroupilha também utilizaram o jornal na luta: lançaram a *Sentinela da Liberdade na Guarita ao Norte ba Barra de São Pedro do Sul*. Alguns anos antes, 1825, um grupo de exilados publicou na Inglaterra a *Sentinela da Liberdade na Guarita de Londres*.⁹³

⁹³ SODRÉ, *op. cit.*, p. 98.

5. SENTINELAS DA LIBERDADE: FORMANDO OPINIÃO PARA PROMOVER SEU PROJETO DE BRASIL.

As palavras de Cipriano Barata mobilizavam leitores em diversas partes do país, conquistaram audiência e conseguiram, mesmo dentro do limite permitido por uma imprensa artesanal e mal quista pela grande maioria das autoridades, persuadir e moldar pensamentos à época. Esse discurso de conquista é, inclusive, um dos elementos que permitem a classificação das *Sentinelas da Liberdade* enquanto jornalismo, pois este, na definição de Clóvis Rossi, “(...) independente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores (...)”.⁹⁴

Sem dúvidas, era jornalismo o que Barata fazia, um jornalismo compromissado, como já foi mencionado, expoente explícito das idéias do gazeteiro; mais que isso, uma imprensa que intervinha nos fatos, que os movia. Já se mostrou aqui o quanto as *Sentinelas da Liberdade* herdaram do contexto em que nasceram, como elas foram fruto de um determinado período histórico, de acontecimentos políticos, sociais e econômicos. É chegada a hora de olhar para o outro lado do processo: para a influência exercida por este jornal – inserido, é bom frisar, em um conjunto de jornais que formam a segunda fase da imprensa brasileira – refletida em ações e em idéias que visavam o questionamento da ordem existente.

Este jornalismo incentivava a crítica. Na interpretação de Mariana de Barros e Marco Morel, era um jornalismo que funcionava como agente histórico, intervindo “nos processos e episódios, em vez de servir-lhes como simples reflexo”.⁹⁵ É por isso que o jornalismo panfletário de Barata encaixa-se na categoria de jornalismo de opinião; é também por isso que pode ser chamado de jornalismo político, como o faz Sônia Marrach, explicando que o jornalista deixava muitas vezes de vender novas notícias para comercializar a opinião:

O jornal assume fins pedagógico-políticos. Pretende esclarecer a opinião pública; trata-se de dar publicidade aos princípios políticos e filosóficos do jornal. O jornalista é o político. O jornal é seu porta-voz, isto é, porta-voz das facções que de debatem por maior quinhão do poder no estado.⁹⁶

⁹⁴ ROSSI, Clóvis. *O que é Jornalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980, p. 9.

⁹⁵ BARROS e MOREL, *op. cit.*, p. 9.

⁹⁶ MARRACH, *op. cit.*, p. 30.

5.1. O jornalista político enquanto construtor da opinião pública.

Jornalista atuante no debate que se travava a respeito do futuro do Brasil, Cipriano fazia-se então um político. Estudara em Coimbra, era, portanto, um homem letrado: sabia discutir filosofia, religião e política. Aptos a discursar também sobre estes assuntos estavam muitos outros gazeteiros. Os redatores dos jornais panfletários que proliferaram a partir de 1822 fazem parte de um grupo social que consolidava-se então no Brasil; uma elite intelectual letrada, versada nas coisas do poder e do liberalismo. Grupo formado em maioria por profissionais liberais e clérigos, grandes responsáveis pelas transformações ideológicas que aconteciam no momento:

Os espaços públicos dos domínios portugueses caracterizavam-se pelo Absolutismo, como nos demais Antigos Regimes europeus do século XVIII: os sujeitos políticos com legitimidade para tornarem públicas suas expressões eram delimitados pela esfera do Estado (Coroa e Igreja). Entretanto, já nessa época, desenvolvia-se uma esfera literária de caráter privado, sobretudo entre os homens letrados, cujas opiniões em geral expressavam-se em correspondências particulares ou conversas reservadas. Começava a delinear-se, então, uma tensão entre esta esfera privada que ganharia importância e almejava publicizar-se e as restrições existentes ao espaço de se fazer políticas, isto é, da atividade na polis.⁹⁷

A sociedade ia ganhando novas formas e a imprensa acompanharia este processo. Na verdade, a imprensa se valia deste processo: quase totalidade dos periódicos era produto das idéias deste novo grupo. Indivíduos que acreditavam que deviam ampliar suas vozes - e para isso, o instrumento era o jornal - e conquistar leitores. Com o jornalismo panfletário-político surge um esforço, partindo de jornalistas (entes privados, portanto) de publicizar suas opiniões e, ao mesmo tempo, de chamar atenção para a necessidade de formulação de uma opinião pública, uma espécie de “clamor do povo”, que deveria chegar aos ouvidos de deputados, governadores, ministros, do imperador e depois, de seus regentes. Em 1823, Cipriano Barata já advertia em seu jornal que “o público tem direito a saber de tudo para poder penetrar a opinião e estado dos atuais negócios políticos que tanto influem no nosso sossego”.⁹⁸

A afirmativa, feita por Cipriano um mês depois do lançamento de seu jornal, deixa claro a função da *Sentinela da Liberdade* na formação do que seria uma opinião pública brasileira. Frequentemente, o jornalista destacava a importância da opinião pública:

⁹⁷ MOREL, *op. cit.*, 2001, p. 39.

⁹⁸ *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco. Alerta!*, 07/05/1823.

(...) deve-se governar com a mira na opinião pública; esta decerto é a Rainha do Mundo, e quem por ela senão guia, está perdido(...) ⁹⁹

(...) queixa-se o povo que a Excelentíssima Junta (valha a verdade) fecha os olhos a tudo, desprezando a opinião pública (...) ¹⁰⁰

(...) quando os que governam se relaxam pelo modo que fica patente, e ostentam o desprezo pelo povo, e pela opinião pública, mostram que estão fundamentados nas Potências (...) ¹⁰¹

Ao denunciar e escrever seus ensaios, Barata colocava suas percepções e acreditava estar falando em torno de uma coletividade; pretendia que sua fala fosse a de muitos brasileiros. Desta forma, pode-se dizer que a esfera pública surgia da

(...) possibilidade destes indivíduos requererem para si a competência e autoridade para julgar e decidir sobre assuntos de interesse comum a toda a sociedade e, também, na legitimação da imprensa como instituição específica deste espaço público. ¹⁰²

Aos homens de imprensa cabia o estímulo daquilo que começava a importar ao poder: a opinião pública. Não mais se tratava de manifestações isoladas, de um insulto vindo de Cipriano Barata em Pernambuco, outro de Luiz Augusto May no Rio de Janeiro; não eram mais os gritos isolados de ícones de uma elite pensante, pois os pontos irradiadores de opinião começavam a conquistar sólidas bases de apoio, um público assíduo e que, ao ler com frequência o jornal, apontava para uma identificação com aquelas idéias. A relação entre o jornal e seu público ficava mais estreita; o primeiro aparecia mesmo com educador e, portanto, formador do segundo:

Ao jornalismo, como instituição própria deste público e somente por ele legitimável, caberia assim a vital função de emancipar intelectualmente a sociedade, num esforço de referencialidade que abrange não só a atualização do conhecimento dos fatos sociais correntes, mas a própria educação científica, jurídica e artística desse público. ¹⁰³

Espalhadas por todo Brasil, as *Sentinelas da Liberdade* formavam uma comunidade de idéias. Tal comunidade era fortalecida pela existência de outros jornais com opinião similar a de Cipriano Barata e, por outro lado, também erguida em função do discurso oficial, de situação, e

⁹⁹ *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco. Alerta!*, 13/08/1823, citada em GIL, *op. cit.*, p. 94.

¹⁰⁰ *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco. Alerta!*, 17/08/1823, citada em GIL, *op. cit.*, p. 94.

¹⁰¹ *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco. Alerta!*, 17/09/1823, citada em GIL, *op. cit.*, p. 94.

¹⁰² RIBEIRO, Lavina Madeira. *Imprensa e Espaço Público: A Institucionalização do Jornalismo no Brasil (1808-1964)*. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2004, p. 39.

¹⁰³ *Idem*, p. 41.

dos jornalistas que o defendiam, como José da Silva Lisboa, inimigo declarado de Barata. Se a opinião pública nasceu no bojo do jornalismo político, incluindo aí a participação das *Sentinelas da Liberdade*, jornal alvo deste estudo, pode-se dizer que esta opinião começa a se formar também enquanto contestação da ordem oficial existente, no caso, em oposição ao Império do Brasil, de sua máquina e suas definições.

É errado afirmar que a opinião pública se reduz ao questionamento unidirecional do poder, visto que a existência de diferentes projetos político-ideológicos de apoio ou crítica ao governo caracterizavam a sociedade e, da mesma forma, a imprensa. Além disso, é sabido que o discurso jornalístico atingia uma minoria social, construindo uma “dinâmica de um espaço público constituído sob certas restrições e relações desiguais de acesso”.¹⁰⁴

Mas, se existiam jornalistas dos dois lados, a opinião poderia pender para ambos, ser manipulado pelas duas vias. Assim sendo, pode-se dizer que a imprensa de oposição levantava mais alto a bandeira de portadora da opinião pública, haja vista que ela precisava conquistar mais “corações e mentes” para concretizar seus projetos. Tratava-se de uma importante força, como afirma Alfred Sauvy, “a opinião pública, essa potência anônima, é por vezes uma força política, e esta força nenhuma constituição prevê”.¹⁰⁵

Os fatos e situações apresentados pelas *Sentinelas da Liberdade* eram base das inferências de seus leitores. Eram sobre as “notícias-artigo” de Cipriano que o público refletia e, mais que isso, eram aos acontecimentos e teorias apresentados pelo jornalista que os leitores respondiam, escrevendo cartas. As correspondências, símbolo romântico da sentimentalidade mais íntima, eram publicadas nas páginas das *Sentinelas*; acontecimentos privados tornavam-se públicos. O discurso destes jornais mostra então uma preocupação concomitante com o indivíduo e a coletividade. Tal preocupação é perceptível textualmente:

Pelo que fica dito é evidente que toda e qualquer pessoa, Corporação, Governo, Ministro do Estado, ou rei, que coarctar ou quiser coarctar, abafar ou restringir com censura prévia, ou proibir a liberdade de imprensa, dirige mortal golpe contra o adiantamento, a segurança de cada **indivíduo**, e contra a **sociedade em geral**.¹⁰⁶

Pensamentos e denúncias presentes nas cartas dos leitores vão de encontro às déias de Cipriano, o que reitera o caráter das *Sentinelas da Liberdade* enquanto divulgadoras dos interesses públicos. Manifestações de apoio a Cipriano eram publicadas frequentemente pelo jornalista, o que demonstra a criação do que aqui já se definiu comunidade de idéias:

¹⁰⁴ RIBEIRO, *op. cit.*, p. 42.

¹⁰⁵ SAUVY, Alfred. *A opinião pública*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966, p. 8.

¹⁰⁶ *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco, Alerta!*, 10/05/1823. O grifo é meu.

Sim, Ilustríssimo Senhor, nós confessamos e publicamente apregoamos a face da Nação Brasileira, que a sua doutrina política é a mais liberal, e coerente com os princípios atualmente proclamados, o que encerra aquela ortodoxia, que só pode ser desagradável aos que desejam imperar como árbitros absolutos, ou aos que desejam obedecer como escravos autônomos.¹⁰⁷

Partindo do jornalista, as idéias conquistaram leitores; manifestações de apoio chegavam de volta a Cipriano, inclusive quando este se encontrava preso, e eram publicadas. Esse mecanismo de conquista do público, de absorção e confirmação pelo próprio público, deixa entrever uma movimentação em prol da crítica, do posicionamento dos leitores, um posicionamento que não se alinhava ao oficial ou oficioso, mas ao discurso de contestação. Como afirmam Mariana de Barros e Marco Morel, “é na criação de um espaço público de crítica, quando as opiniões políticas publicizadas destacam-se dos governos, que começa a instaurar-se a chamada opinião pública”.¹⁰⁸

Comprovada está, desta forma, a participação das *Sentinelas da Liberdade* na criação de uma opinião pública brasileira. A imprensa se tornava um meio pelo qual o debate se dava; manifestações privadas juntavam-se e formavam um coro, que se posicionava sobre a composição da Constituição brasileira, o governo português, as medidas de José Bonifácio ou sobre a volta de D. Pedro a Portugal. Passa-se a um estágio em que os assuntos políticos não são somente apresentados nas *Sentinelas*, eles repercutem, são discutidos, viram de interesse público. O verbete do dicionário anuncia que a opinião pública pode manifestar-se “sem ser necessariamente condicionada pela aproximação física dos indivíduos”.¹⁰⁹ A aproximação simbólica dos leitores era feita pelo jornal; Cipriano clamava por tal laço: “dai-nos os vossos valorosos braços, façamos um só corpo, e nós seremos fortes e nos salvaremos”.¹¹⁰

5.2 A criação de uma esfera pública brasileira

O jornal era o espaço de divulgação e reflexão das aspirações do público, ganhara tal aspecto a partir do processo, que também ajudou a promover e depois disseminar, de criação de uma esfera pública. Reforçando o papel da imprensa na criação deste lugar de pensamento público, Lavina Ribeiro afirma: “Formou-se, então, nesses anos de 1821 e 1822, com elementos

¹⁰⁷ Carta de um leitor publicada na *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco, Alerta!*, 17/05/1823.

¹⁰⁸ BARROS e MOREL, *op. cit.*, p. 17.

¹⁰⁹ BARBOSA, Gustavo; RABAÇA, Carlos Alberto. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro: Campus, 2001, p. 526.

¹¹⁰ *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco, Alerta!*, 13/08/1823.

visíveis e ativos, nas principais cidades brasileiras, uma esfera pública liberal de feição essencialmente política, que tinha na imprensa sua principal instituição”.¹¹¹

Analisando os escritos de Jürgen Habermas, Thompson resume a definição de esfera pública forjada pelo primeiro:

Entre o domínio da autoridade pública, de um lado, e o domínio privado da sociedade civil e da esfera íntima, de outro, emergiu uma nova esfera do público: uma esfera pública burguesa que consiste de indivíduos privados que se juntaram para debater, entre eles e com as autoridades do Estado, sobre a regulação da sociedade civil e a condução do Estado.¹¹²

No livro *Mudança Estrutural na Esfera Pública*, Habermas parte da definição de esfera pública e volta-se aos processos que transformaram esta entidade ao longo da história moderna. Da obra, o que a este estudo mais interessa, é a definição, que aqui será apresentada com algumas ressalvas. O conceito de Habermas foi definido no contexto europeu do século XVII; o autor fala do surgimento de uma esfera pública em uma época de ascensão de uma burguesia fortemente mercantil, que ao lado dos negócios, passou a interessar-se pelas letras. Na definição de Habermas, a esfera pública aparece como instância fundamentalmente contestadora da “autoridade pública”. A modernidade trouxera a separação entre a esfera pública e a esfera privada; a sociedade civil burguesa se contrapunha à autoridade monárquica. Surgira então a esfera burguesa, que

(...) pode ser entendida inicialmente como a esfera das pessoas privadas reunidas em um público, elas reivindicam esta esfera pública regulamentada pela autoridade, mas diretamente contra a própria autoridade, a fim de discutir com ela as leis gerais da troca na esfera fundamentalmente privada, mas publicamente relevante.¹¹³

A esfera pública que se desenharia no Brasil, dois séculos depois, apresenta alguns princípios outrora presentes na estrutura por Habermas apresentada: parte de uma elite, tem um caráter de contestação e se vale da imprensa, como instrumento capaz de transformar uma crítica privada em uma opinião pública. Entretanto, a utilização de conceitos habermasianos para a pesquisa sobre a institucionalização da esfera pública brasileira deve ser feita com algumas reservas. Sobre uma delas chama atenção Lavina Ribeiro: “a esfera pública emergente neste

¹¹¹ RIBEIRO, *op. cit.*, p. 64.

¹¹² THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995, p. 145.

¹¹³ HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural na Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, p. 42.

contexto não pode ser denominada pura e simplesmente de burguesa, como nomeia Habermas”.¹¹⁴

Não é possível dizer que Cipriano Barata e os outros gazeteiros no Brasil do século XIX formavam uma burguesia. O Brasil, colônia durante mais de 300 anos, recentemente tornara-se independente; participara sim do Pacto Colonial e da lógica do Mercantilismo, mas como a outra ponta. Apresentava ainda a agricultura como fator fundamental da economia; fora isso, o outro grupo comercial que se formava era o dos traficantes de escravos, que abasteciam de mão-de-obra a lavoura interna. Os jornalistas e deputados – estes últimos se inserem aqui por participarem dos debates da Constituinte, já que as leis eram também alvo das discussões públicas – não eram burgueses, grandes comerciantes ou senhores de grandes latifúndios. A comparação entre os formadores de opinião em Habermas e os aqui no Brasil identificados ainda compreende outra diferença: a hegemonia é maior entre os burgueses europeus, visto que a elite letrada brasileira era composta por diversos segmentos que “mesmo que por razões diversas, passaram a legitimar este novo espaço público como via concreta de acesso a um confronto objetivo com o Estado português (...)”.¹¹⁵

Assim sendo, muitos destes formadores de opinião pública brasileira não queriam o fim do regime monárquico, mesmo Cipriano Barata, símbolo da oposição e participante de diversos movimentos de contestação da Coroa, admite como projeto possível para o Brasil a adoção de um império federativo. Os gazeteiros, pode-se dizer, faziam política; em maioria estavam próximos à máquina administrativa do Estado. “Estado e esfera pública, durante o período imperial, muitas vezes se confundiram, o que dificulta localizá-la numa posição necessariamente intermediária entre Estado e sociedade civil, ou mesmo de oposição àquele”.¹¹⁶

A definição de Lavina Ribeiro da esfera pública brasileira serve ao que aqui queremos caracterizar como a esfera que o jornal de Cipriano Barata também ajudou a construir, pois preserva os princípios possíveis daquilo que foi definido por Habermas, conjugados ao caráter particular que esta formação adquiriu por sua inserção no contexto particular brasileiro:

A esfera pública seria o tribunal do Estado e a imprensa não apenas a mediadora da discursividade desta esfera, mas também um agente político particular, com *status* de instituição pública, porque supostamente dedicada, de forma imparcial, às questões que pertencem à Nação toda.¹¹⁷

¹¹⁴ RIBEIRO, *op. cit.*, p. 74.

¹¹⁵ *Idem*, p. 65.

¹¹⁶ *Idem*, p. 74.

¹¹⁷ *Idem*, p. 54.

5.3 Uma proposta de Estado

O trecho acima citado destaca a preocupação da esfera pública com assuntos que seriam de interesse de toda a nação. Embutidos em um quadro pós-independência, os jornais panfletários discutiam a unidade da ex-colônia e o problema da nação, esta última, concepção cada vez mais presente nos textos dos periódicos. Em 1823, Cipriano Barata aponta para a necessidade de criação de um Exército Nacional:

Em todas as partes e países em que a necessidade obriga a criar cavalaria para reforçar o Exército, os fins são aumentar a força e os recursos em benefício desse Exército, e da Nação. A cavalaria serve não só para expedição e ligeireza das ordens, não só para amparar a artilharia, e muitas vezes para desordenar o inimigo.¹¹⁸

Constantemente as *Sentinelas* voltaram-se para a apresentação de um projeto de Brasil; um projeto de Estado Nacional. É nesse sentido que Cipriano analisa em seu periódico o texto da Constituição que se previa para o país, aquela que seria a guia do Estado brasileiro. Sobre o projeto que ficou conhecido como Constituição da Mandioca, o panfletário baiano deu seu parecer:

Quando pusemos os olhos neste Projeto de Constituição o nosso Espírito se espavoriu; os nossos cabelos se eriçaram e as nossas carnes tremeram de horror! Que, disse eu! Este é o projeto suspirado da nossa liberal Constituição? Que absurdos! Que erros de política! Que atentados contra a liberdade particular e pública! Que erros de política! Que horríficos manejos para extinguir a representação das províncias; tirar-lhes a força e o respeito, e meter-lhes a divisão para as enfraquecer para as dominar! Que maquiavelismo para criar Nobreza hereditária! Ó das Províncias, alerta! que artefatos para erigir Câmara dos Grandes. Ó do povo alerta! Que Governo Absoluto desmascarado! Ó do Brasil, alerta! Que aristocracia terrível! Ó povo do alerta!¹¹⁹

Cipriano tinha pretensões próprias para sua pátria, pretensões que ele busca, com seu jornal, que sejam de todos. Suas críticas punham em questão a legitimidade daquele Estado que estava se formando. A leitura das *Sentinelas da Liberdade* faz nítida a busca de Cipriano em participar do processo de estruturação do Estado Nacional Brasileiro, em fazer com que seus leitores apóiem seu projeto: liberal, monarquista-constitucional, federativo.

¹¹⁸ *Sentinelas da Liberdade na Guarita de Pernambuco, Alerta!*, 14/05/1823.

¹¹⁹ *Sentinelas da Liberdade na Guarita de Pernambuco, Alerta!*, 08/10/1823.

Ao Brasil que se construía era necessária uma estrutura político-jurídica – daí os trabalhos por uma Carta Constitucional –, uma organização econômica e uma fundamentação ideológica. Nas palavras de Antonio Amador Gil, “o Estado que então se constituía precisava de um suporte ideológico que o sustentasse, o qual pode ser encontrado na obra dos políticos, doutrinários, historiadores que refletiam sobre as bases de organização da sociedade”.¹²⁰

Ressalta-se então a importância dos jornalistas enquanto doutrinários responsáveis pela imagem do Estado brasileiro. Nesse sentido de montar uma ideologia estruturante, o governo também se manifestou: partiu da força regressista a iniciativa da construção do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, o IHGB, inaugurado em 1838. Era uma tentativa de resgate da História e Geografia brasileiras, que neste projeto oficial, influenciado pelo modelo intelectual europeu, acabava formando a idéia de um nacional “embranquecido, civilizado, europeizado e monarquista”.¹²¹

Em outubro de 1838, Cipriano Barata já estava morto e não assistiu, portanto, à fundação do IHGB, tentativa de centralização e de criação de uma ideologia nacional. Mas alguns anos antes, quando ainda escrevia, suas *Sentinelas* bradavam por outro texto constitucional, por uma Nação Brasileira livre e independente, a qual importava os valores nela surgidos e não os estrangeiros. Em todas estas suas proposições Cipriano acreditava estar apoiado em uma opinião pública e, portanto, também na imprensa, seu principal júri.

O jornalismo de opinião e a criação de uma esfera pública propiciaram a proliferação de debates: diferentes forças políticas tinham diferentes projetos de Estado. Representando a ala dos liberais radicais, Barata lançava mão de seu projeto, de um Estado federativo, encarado como solução única, que deveria surgir de uma união voluntária, deveria ser produto da opinião pública, e não ser imposto: “ou unidos fortes em províncias livres, como povos briosos, que prezam a liberdade, governados em grandes massas, reunidas em um todo (...) ou havemos de ficar subdivididos e fracos para trabalharmos como escravos (...)”.¹²²

¹²⁰ GIL, *op. cit.*, p. 33.

¹²¹ Antonio Gil fala que a criação do IHGB atendeu às necessidades de uma elite conservadora brasileira, que via em movimentos separatistas, típicos no período da Regência, um risco a monarquia institucional e a todos interesses a ela ligados, como a grande propriedade e a escravidão. Assim sendo, pode-se dizer que a fundação do IHGB alinhava-se com medidas de administração que privilegiavam o poder central. GIL, *op. cit.*, p. 38.

¹²² *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco, Alerta!*, 02/11/1823.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No dicionário, sentinela apresenta como significado “indivíduo isolado que está de vigia, guarda”.¹²³ Muitas vezes a palavra é utilizada como sinônimo de observador. Ao se tornar jornalista, Cipriano Barata também decidiu tornar-se sentinela, o guarda que prezava pela liberdade, vigia que na maior parte do tempo estava isolado (preso) e que alertava para os problemas do regime monárquico, para a dominação portuguesa, para o controle da imprensa e tantas outras questões de um Brasil que nascia. A figura de Cipriano é emblemática da ideologia liberal brasileira, uma figura singular, surpreendente, que, com certeza, foi responsável por grande parte da paixão e alegria em escrever este estudo. Tratar de um personagem carismático, que rende tantas histórias, entusiasma aqueles que se propõem a sobre ele escrever.

O intuito das *Sentinelas da Liberdade* era vigiar a vida pública e denunciar o que o jornalista achava que era ruim para a nação. A vontade de publicizar suas opiniões era tão forte que Cipriano fazia do cárcere uma fortaleza da opinião pública, visto que de lá saíam seus escritos que agitavam as idéias de seus leitores.

Em atuais debates sobre o papel da imprensa na formação de opinião figura como aspecto fundamental a criação de uma cultura de massa, a divulgação de informações para uma grande quantidade de pessoas, submetida a determinados patrocínios e publicidades, destinada a conseguir determinados índices de audiência. A imparcialidade da informação jornalística por algum tempo foi questionada de forma insuficiente; em debates acadêmicos mais recentes ela começou a ser mais duramente questionada.

À época de Cipriano, como aqui foi mostrado, a imprensa era artesanal e isto já consistia importante limitação em termos de divulgação. A grande maioria da população era analfabeta, a cultura do “ler jornal para ficar informado” não estava disseminada, e, portanto, o grupo de leitores dos jornais pertencia a uma elite. Tratava-se de um grupo reduzido. Um grupo que, embora pequeno, tinha um grande poder nas mãos.

As situações divergem, o tempo é outro, as conjunturas são, portanto, diferentes. Qualquer comparação correria o risco de cair no anacronismo. Mas, se há algo de comum, isto é o jornalismo. É claro, dois modos completamente diferentes de fazer jornalismo. Entretanto, fala-se aqui da atuação da imprensa diante do pensamento do leitor, de seu lugar na formação da opinião pública. Ainda hoje, as divulgações feitas pelos jornais geram críticas e debates, ou seja,

¹²³ HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 2548.

formam opinião. O que confere um grau de atualidade à discussão que neste trabalho foi colocada no contexto do Brasil no século XIX.

O trabalho mostrou como a criação da imprensa no Brasil foi cercada por delimitações que a tornaram estranha a sociedade civil logo que surgira. Depois, com a evolução dos conflitos sociais evoluíram as publicações, a questão da liberdade de imprensa virou alvo de debates constantes, inclusive nas Assembléias do Poder Legislativo. Neste momento, surgiu o jornal *Sentinela da Liberdade*, de Cipriano Barata: o jornal, exemplo típico de pasquim da época, com linguagem violenta, doutrinário e repleto de insultos, o jornalista, exemplo ainda mais significativo de gazeteiro desta imprensa da segunda fase, intelectual formado na Europa, entendido das idéias liberais que reinavam no velho continente.

O jornalista viveu as transformações, o jornal as comentou, o público passou a refletir e a enxergar naquele meio de comunicação uma forma de retratar seus interesses. As *Sentinelas da Liberdade*, acreditava Cipriano, divulgavam assuntos do interesse público. A atender estes interesses também se propõem os jornais atualmente.

O que é preciso dizer é que este trabalho, que pode vir a servir como princípio de uma pesquisa maior, pretendeu estudar a relação entre o jornalismo e o meio social, e porque o jornalismo aí está, em outros moldes, mas está, e a sociedade, por mais que tenha se cercado de princípios individualizantes aí também está, a relação continua. O objeto do estudo deste trabalho foi apenas uma parte da história desta relação; uma parte do processo, o processo de institucionalização da imprensa brasileira, que foi principalmente marcado pela interdependência entre imprensa e esfera pública.

Fazer este trabalho foi, para mim, uma oportunidade de escrever sobre uma área de estudo preferida, a história do jornalismo brasileiro. Significou ainda a possibilidade de conhecer o baiano Cipriano Barata, como salientou Nelson Werneck Sodré, importante cidadão brasileiro, por poucos conhecido; e de ler seus jornais, tão representativos de sua época. O contato com a historiografia, a leitura de biografias de Cipriano de suas *Sentinelas da Liberdade* propiciaram a formulação de conclusões, que arrematam o tema aqui exposto: o jornalismo panfletário-político de Cipriano Barata disseminava um projeto de nação, de construção de um Estado brasileiro, um projeto que partia do jornalista, mas, a medida que era debatido por seus leitores, por uma opinião pública que se formava, ganhava espaço dentro desta esfera pública e, dessa forma, no quadro ideológico brasileiro.

7. BIBLIOGRAFIA

BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Serviço de Documentação, 1964.

BARBOSA, Gustavo; RABAÇA, Carlos Alberto. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BARROS, Mariana; MOREL, Marco. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. *O Dr. Barata: político, democrata e jornalista*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1938.

GARCIA, Paulo. *Cipriano Barata ou a liberdade acima de tudo*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

GIL, Antonio Carlos Amador. *Projetos de Estado no alvorecer do Império*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2002.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural na Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOSHIBA, Luiz; PEREIRA, Denise Manzi Frayze. *História do Brasil*. São Paulo: Atual, 1996.

LUSTOSA, Isabel. *Insultos Impressos: A guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000.

_____. *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

MARRACH, Sonia Aparecida Alem. *O Jornalismo Político de Cipriano Barata*. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica. São Paulo: PUC, 1992.

MOREL, Marco. *Cipriano Barata: o panfletário da Independência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

_____. *Sentinela da Liberdade: Presença de Cipriano Barata no Processo de Independência do Brasil*. Tese de Mestrado em História do Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990.

_____. *Cipriano Barata na Sentinela da Liberdade*. Bahia: Assembléia Legislativa da Bahia, 2001.

NASCIMENTO, Luiz do. *História da Imprensa de Pernambuco (1821 – 1954)*. Pernambuco: UFPE, 1967.

RIBEIRO, Lavina Madeira. *Imprensa e Espaço Público: A Institucionalização do Jornalismo no Brasil (1808- 1964)*. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2004.

ROSSI, Clóvis. *O que é Jornalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

SAUVY, Alfred. *A opinião pública*. São Paulo: Difusão européia do livro, 1966.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

VIANNA, Hélio. *Contribuição à História da Imprensa Brasileira (1812 – 1869)*. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1945.

Periódicos:

Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco. Alerta!, (07/05/1823, 10/05/1823, 14/05/1823, 17/05/1823, 07/06/1823, 25/06/1823, 28/06/1823, 05/07/1823, 16/07/1834, 13/08/1823, 17/08/1823, 17/09/1823, 27/09/1823, 08/10/1823, 02/11/1823, 08/11/1823).

Sentinela da Liberdade, hoje na Guarita do Quartel General de Pirajá, hoje Bahia de Todos os Santos. Alerta!, (12/01/1831).

Sentinela da Liberdade na Guarita do quartel General de Pirajá, hoje presa na Guarita da Fragata Niterói em o Rio de Janeiro. Alerta! (07/01/1832).

Sentinela da Liberdade na Guarita do quartel General de Pirajá; mudada despoticamente para o Rio de Janeiro, e de lá para o Forte do Mar da Bahia, donde generosamente brada Alerta! (21/11/1832).

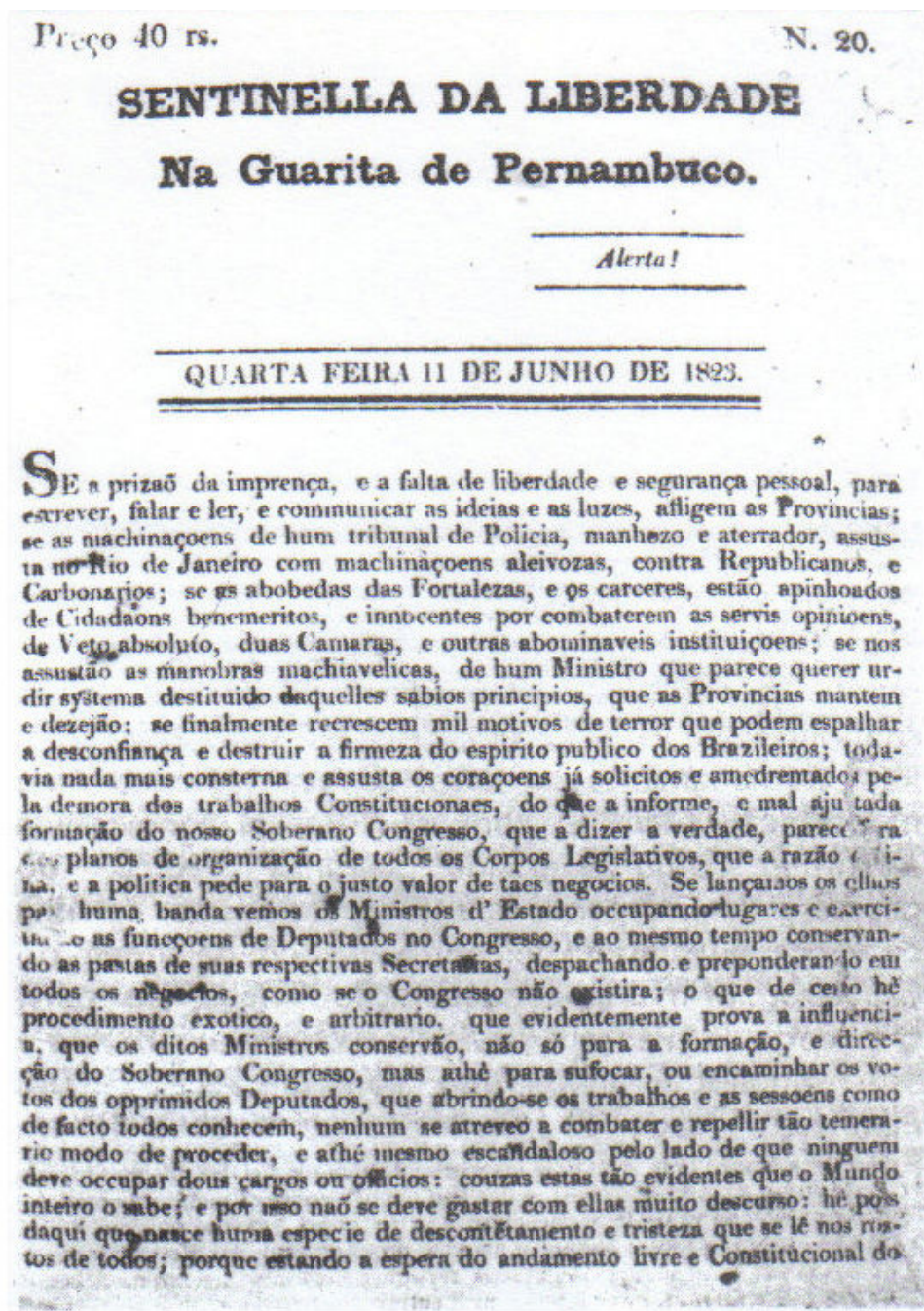
Sentinela da Liberdade na sua Primeira Guarita, a de Pernambuco, onde hoje brada Alerta! (16/07/1834, 25/07/1835, 20/09/1834).

8. ANEXOS

Anexo 1



Retrato de Cipriano Barata que ilustra a capa do livro *Cipriano Barata: o panfletário da Independência*, de Marco Morel.



Primeira página da edição nº 20 da *Sentinella da Liberdade* na Guarita de Pernambuco.
Alerta! Fonte: MOREL, *op.cit.*, 1986, p. 43.